



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA - CAMPUS III
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA**

ADRIANA ANANIAS DA SILVA

**O PODER DA PALAVRA: A VOZ DO PROFESSOR QUE MOTIVA E DESMOTIVA
O PROCESSO DE ENSINO APRENDIZAGEM NA PERSPECTIVA DO ALUNO**

**GUARABIRA/PB
2025**

ADRIANA ANANIAS DA SILVA

**O PODER DA PALAVRA: A VOZ DO PROFESSOR QUE MOTIVA E DESMOTIVA
O PROCESSO DE ENSINO APRENDIZAGEM NA PERSPECTIVA DO ALUNO**

Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia)
apresentado ao Programa de Graduação em
Pedagogia da Universidade Estadual da
Paraíba, como requisito parcial à obtenção do
título de Licenciada em Pedagogia.

Área de concentração: Fundamentos da
Educação e Formação Docente.

Orientadora: Profa. Ma. Francineide Batista
de Sousa Pedrosa.

**GUARABIRA/PB
2025**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto em versão impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que, na reprodução, figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S586p Silva, Adriana Ananias da.

O poder da palavra [manuscrito] : a voz do professor que motiva e desmotiva o processo de ensino aprendizagem na perspectiva do aluno / Adriana Ananias da Silva. - 2025.
63 f. : il. color.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2025.

"Orientação : Prof. Ma. Francineide Batista de Sousa Pedrosa, Departamento de Educação - CH".

1. Poder da palavra. 2. Professor. 3. Aluno. 4. Prática pedagógica. 5. Ensino e aprendizagem. I. Título

21. ed. CDD 370.733

ADRIANA ANANIAS DA SILVA

O PODER DA PALAVRA: A VOZ DO PROFESSOR QUE MOTIVA E DESMOTIVA
O PROCESSO DE ENSINO APRENDIZAGEM NA PERSPECTIVA DO ALUNO

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Coordenação do Curso
de Pedagogia da Universidade Estadual
da Paraíba, como requisito parcial à
obtenção do título de Licenciada em
Pedagogia

Aprovada em: 29/05/2025.

BANCA EXAMINADORA

Documento assinado eletronicamente por:

- **Francineide Batista de Sousa Pedrosa** (***.385.164-**), em 07/06/2025 14:32:26 com chave 6115226243c511f0ab2c06adb0a3afce.
- **Gillyane Dantas dos Santos** (***.938.874-**), em 08/06/2025 14:11:31 com chave 9f7b5758448b11f097fe2618257239a1.
- **Jaqueline Leandro Ferreira** (***.921.584-**), em 07/06/2025 14:53:59 com chave 6385877843c811f0bf111a1c3150b54b.

Documento emitido pelo SUAP. Para comprovar sua autenticidade, faça a leitura do QrCode ao lado ou acesse https://suap.uepb.edu.br/comum/autenticar_documento/ e informe os dados a seguir.

Tipo de Documento: Folha de Aprovação do Projeto Final

Data da Emissão: 09/06/2025

Código de Autenticação: 2ddc28



Dedico a reticência da minha caminhada nos espaços de ensino a todas as múltiplas vozes inferiorizadas dos professores que creditaram a mínima máxima de suas esperanças na minha impossibilidade. Dedico, ainda mais, a imensidão menor daqueles educadores que viram o imperceptível gritante em mim.

AGRADECIMENTOS

Poucas vezes me recorro a Deus, mas quando foi com relação ao curso de Letras e ao Curso de Pedagogia, eu não resisti. Agradeço a ti, pai de todas as obras possíveis. Eu pedi e recebi, é imensa minha gratidão aos meus passos dentro dos corredores e salas da minha saudosa UEPB e todas as contribuições que esta oportunidade me trouxe. Foram antes de estudo, dias de aprendizados e noites de sono, mas tudo por um propósito, ser professora.

Aos meus grandes educadores da vida que proferiram a célebre frase: “O mundo ensina, quando você não nos escuta”. Dona Maria de Lourdes, minha mãe, doméstica, diarista e agricultora. Que dentro de sua imensidão de palavras pôde ter a educação máxima de me educar para o presente e o futuro. Everaldo Gonzaga, meu pai desde os meus 9 meses de nascida. Pedreiro, pintor e caseiro de propriedade particular...um homem de poucas palavras. Obrigada, por vocês, sou professora.

Agradeço a minha irmã Mayanne Cristina, que percorreu um longo caminho sem o amparo familiar, mas que em momento algum deixou de me ver e me entender de maneira diferente. Ao meu clone masculino, meu sobrinho Célio Vinicius, e toda a sua alegria, maestria, loucura que o faz se parecer tanto comigo...esse menino é meu filho, certeza.

Gratidão aos meus espaços de ensino público, os quais sem eles e todas as relações de interações que ocorrem, eu jamais chegaria onde estou. Todos repletos de personagens que contribuíram e influenciaram minha jornada educacional: Centro Educacional Epaminondas Torres de Aquino-PB, E.M.F. João Monteiro - RJ;

E.E.E.M Major Antonio de Aquino -PB, CIEP 259 Professor Maria do Amparo Rangel de Souza - RJ. A minha saudosa UEPB e todos os meus passos dentro dela desde 2012. E nela conheci e agradeço a professora Rosângela Neres, ao professor João Paulo, ao professor Juarez Lins, todos do curso de letras. Obrigada pelos ensinamentos, jamais esquecerei.

Em particular, eu agradeço aos meus amigos e amigas Maria Vitória (Mavi), parceira de lei; Natally Vitoria, Ela me ama, tenho certeza; Geovania, menina sem tecido; Matheus, e suas várias faces; Renan Marinho, e seus argumentos atrevidos; E todos aqueles que compuseram inicialmente o grupo do cajueiro, aos que surgiram no meio da vida dessa relação, e aos que surgiram em sua fase final.

Agradecendo imensamente a minha querida professora contadora de história, Francineide Batista. E que por ela conheci um ensino dentro do ambiente acadêmico mais humanizado e de fato lúdico, vivo, brilhante e com sentido. Houve cores em dias turbulentos,

houveram palavras em dias de silêncio, há esperança de novas formas de educar, há novos jeitos de se expressar. Muito obrigada.

Finalizo, agradecendo ao meu amor maior. Agradecendo por sua existência, por todas os dias, as noites e as madrugadas juntos. Para eternizar o nosso amor, aqui expresso o nosso momento, uma história que a ti conto antes de dormir.

As árvores de bolinhas coloridas do Daniel

Era uma vez um menino muito bonito chamado Daniel. Que dentro do quarto dele tinham três árvores, bem grandes cheias de bolinhas coloridas. Tinha bolinhas de todas as cores: vermelho, rosa, laranja, amarela, verde, azul, lilás e marrom. Aí toda noite a mamãe ligava o ventilador e um vento muito forte batia nas árvores de bolinhas coloridas.

O vento batia (sopro), batia (sopro), muito forte (sopro), muito, muito forte (sopro), muito, muito, muito forte (sopro). E um monte de bolinhas caíam no chão. Caiam bolinhas de todas as cores: vermelho, rosa, laranja, amarela, verde, azul, lilás e marrom. Mas sempre nascia um monte de bolinhas de volta e a árvore nunca ficava vazia...nas árvores de bolinhas coloridas do Daniel.

Tchau árvores...eu vou...dormir.

Assim como as bolinhas dessas árvores estão sempre se renovando, surgindo outras a cada fase...somos nós. Nosso amor é vivo, forte e infinito. Te amo filho.

“O professor autoritário, o professor licencioso, o professor competente, sério, o professor incompetente, irresponsável, o professor amoroso, o professor malamado, sempre com raiva do mundo e das pessoas, frio, burocrático, racionalista, nenhum deles passa pelos alunos sem deixar sua marca”. (Freire, 1996, p. 73).

RESUMO

A presente produção tem como título: “O poder da palavra: a voz do professor que motiva e desmotiva o processo de ensino e aprendizagem na perspectiva do aluno”. Objetiva-se, com o andamento da presente produção textual, compreender como as palavras que o educador verbaliza no ambiente escolar podem influenciar positivamente ou negativamente o processo de ensino e aprendizado dos alunos. Especificamente, pretendemos: discutir sobre como o uso inapropriado da palavra pode afetar o caminhar educacional e emocional do educando; pesquisar como a mudança vocabular pode ser auxiliadora na metodologia de ensino empregada; investigar o uso da palavra para o benefício da aprendizagem e o bom andamento da educação. A metodologia adotada, parte da pesquisa qualitativa em educação, com estudo de campo em duas turmas do nono ano dos Anos Finais do Ensino Fundamental, na Escola Municipal Luiz Galdino Sales na cidade de Mulungu - PB. Utilizando a observação participante, bem como o uso do formulário com perguntas abertas trazendo a expressão crítico e reflexiva dos educandos sobre sua interação com o professor. Os aportes teóricos circundam por Lajonquiére (2011) e Biderman (1998), dimensionando e contextualizando a palavra; Saussure (2006), no conceito formal acerca da palavra em signo como significado e significante; Bechara (2009) na formalidade gramatical, Bagno (1999), na interação social que dá vida a palavra; Belotti e Faria (2010), Freire (1996), numa perspectiva crítica e reflexiva acerca do papel relacional existente entre educador e educando. Os resultados indicam que o modo como o profissional de educação utiliza a palavra reverbera diretamente no ato de ensino e aprendizagem, assim como transcende o meio escolar, o que nos releva a necessidade de desenvolver uma maior percepção consciente e ética de seu uso.

Palavras-Chave: O poder da palavra; Professor; Aluno; Prática pedagógica; Ensino e Aprendizagem.

ABSTRACT

The present work has as its central theme: "The Power of the Word: the Teacher's Voice that Motivates and Demotivates the Teaching and Learning Process from the Student's Perspective." It aims to reflect on how the spoken word of the educator can serve as a source of either positive or negative influence on the learning journey and its reverberations throughout the student's social development. Specifically, the study seeks to observe the relationship between language and pedagogical practice; analyze the impact of the teacher's words on student formation; and propose reflections that sharpen the educator's awareness of their verbal expression. The adopted methodology is based on qualitative research in education, with a field study conducted in two ninth-grade classes of the final years of elementary school at Luiz Galdino Sales Municipal School, in the city of Mulungu - PB. Participant observation was used, along with a questionnaire composed of open-ended questions through interviews, enabling a critical and reflective expression from students about their interaction with the teacher. The theoretical framework is supported by Lajonqui re (2011) and Biderman (1998), who explore and contextualize the power of the word; Saussure (2006), with his formal concept of the linguistic sign as signifier and signified; Bechara (2009), addressing grammatical formalism; Bagno (1999), emphasizing the social interaction that gives life to language; and Belotti and Faria (2010) and Freire (1996), offering a critical and reflective perspective on the relational role between educator and student. The results indicate that the way the education professional uses language directly reverberates in the act of teaching and learning, as well as transcends the school environment. This reveals the urgent need to develop greater conscious and ethical awareness in the use of the spoken word.

Keywords: Word; Teacher-student; Dialogue; Methodology; Practic.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	13
1.1	Uma introdução pessoal: Aluna, professora e autora.....	14
2	A PALAVRA EM SEUS DIVERSOS CONTEXTOS DE COMPREENSÃO.....	21
2.1	O igapó gramatical e o rio caudaloso da linguística.....	21
2.2	“E o verbo se fez carne e habitou entre nós”.....	24
2.3	A subjetividade da palavra poética.....	26
2.4	A palavra como recurso metodológico.....	29
3	METODOLOGIA	33
3.1	A pesquisa e seu percurso metodológico.....	33
3.2	Quem são eles?.....	36
4	A PALAVRA E SEUS DADOS QUE CONTAM HISTÓRIAS.....	41
4.1	Marcos motivadores.....	42
4.2	Marcos desmotivadores.....	45
4.3	O tom e forma.....	50
4.4	A arte da escuta com respeito.....	52
4.5	A palavra que se expressa.....	55
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS: A FINALIDADE DE UM COMEÇO	59
	REFERÊNCIAS	61
	APÊNDICE A: QUESTIONÁRIO APLICADO	63
	APÊNDICE B: TERMOS DE COMPROMISSO.....	65
	ANEXO A: REGISTROS DA PESQUISA	67

1 INTRODUÇÃO

Atribui-se grande importância à ação de se falar sobre o poder da palavra expressa pelo professor. Entretanto, essa questão carrega consigo uma profundidade complexa, uma vez que, o modo como o educador se comunica em sua atividade laboral diz muito sobre o como isso pode afetar e reverberar de modo positivo ou negativo no percurso emocional, social e educacional do corpo discente em formação.

O desejo de abordar a temática acerca do poder da palavra a partir da apropriação do educador como emissor central e o seu papel motivador e desmotivador desse processo, surge do meu percurso dentro dos ambientes escolares. Desde meus passos lúcidos na jornada de ensino dos anos iniciais, finais, médio até o firme caminhar nos corredores de minha estimada UEPB (Universidade Estadual da Paraíba). Em cada lance, em cada degrau, um professor e um educador, uma palavra que ecoa na rigurosidade da ação, e outra que repousa na calma do seu fazer profissional.

Quando nos referirmos ao professor dentro desse exercício de interação, Libâneo (2013), apresenta um equilíbrio de ações, no qual o profissional utiliza-se dos aspectos sistemáticos inerentes a sua formação e sua posição perante a turma, ao mesmo tempo em que este não destoa de seu vínculo socioafetivo. Não um vínculo que se assemelhe a um grau de parentesco, mas algo que seja mediador da situação de ensino.

O equilíbrio entre o transcorrer do ensino e a mediação vocabular do educador, é peça de movimento contínuo e eficaz ao ensino. Ao alinhar as atividades do seio escolar com uma linguagem acessível e apropriada, ele não apenas cria um espaço de aprendizado relevante, como também atrela sentido motivador às suas estratégias e práticas na sala de aula.

Deste modo, é cabível levantarmos a questão: como a palavra expressa pelo educador pode influenciar de forma motivadora ou desmotivadora no processo de ensino e aprendizagem dos alunos? Destacamos como ponto de partida para esta compreensão o processo de observação intencional, professor/aluno, na sala de aula de uma turma do 9º ano dos Anos Finais do Ensino Fundamental, em uma instituição de ensino público, localizada na zona urbana da cidade de Mulungu-PB.

Objetiva-se, com o andamento da presente produção textual, compreender como as palavras que o educador verbaliza no ambiente escolar podem influenciar positivamente ou negativamente o processo de ensino e aprendizado dos alunos. Desta forma, refletiremos sobre a importância do zelo com a comunicação oral expressa, a qual pode transcender o sistema rígido. Especificamente, pretendemos: a) discutir sobre como o uso inapropriado da

palavra pode afetar o caminhar educacional e emocional do educando; b) acrescentar como a mudança vocabular pode ser auxiliadora na metodologia de ensino empregada; e c) analisar o uso da palavra para o benefício da aprendizagem e o bom andamento da educação.

A metodologia desenvolvida surge a partir da pesquisa qualitativa em educação, com estudo de campo, na utilização da observação participante, trazendo o olhar crítico e reflexivo sobre a interação entre educador e alunado existente na sala de aula observada. Foram utilizadas ainda como ação de recolhimento de informação com formulário contendo perguntas diretas direcionado ao profissional, na pretensão de aprofundar a análise dos dados, com finalidade de propor reflexões e melhorias nas formas de ensino levando em consideração o educador como interlocutor de influência para este processo.

Fundamenta-se a dita escrita sobre a óptica de Lajonquiére (2011) e Biderman (1998), no transcorrer relevante sobre dimensão da palavra e seu poder humano; Saussure (2006), nos trará uma conceito formal acerca da palavra em signo como significado e significante; Bechara (2009) dentro da formalidade gramatical, Bagno (1999), no envolvimento da palavra dentro do processo comunicativo adaptativo; Belotti e Faria (2010), Freire (1996), numa perspectiva crítica e reflexiva acerca do papel relacional existente entre educador e educando.

Em suma, o texto estrutura-se trazendo a palavra em sua contextualização formal e informal. Compreendendo o relato de experiência de vida nos passos iniciais e acadêmicos. Para assim, iniciarmos a reflexão sobre o processo humanizado do ensino, adentrando a relação professor aluno. Atentando acerca da responsabilidade da palavra professor em sua influência no hoje e amanhã, bem como o uso da mesma como recurso metodológico.

Sendo assim, a perspectiva que transcorre sobre as reflexões que esse processo envolve, pode servir para o desenvolvimento integral do educando, e também para o processo reflexivo da prática docente, contribuindo como ponte que liga e auxilia no engrandecimento pessoal, na aquisição do conhecimento, bem como no fortalecimento do indivíduo em sua estrutura mental, social e emocional.

1.1 Uma introdução pessoal: Aluna, professora e autora

Quando atrelamos a ação significativa do poder da palavra dentro do ambiente escolar, surge a figura expressiva do professor, aquele que é, de fato o agente central da interlocução que pode ser positiva, no sentido de incentivar, motivar e atrair o aluno em seu processo de ensino e aprendizagem, mas também pode ser a voz que desestimula, entristece e desfavorece

o caminhar educacional do corpo discente. Trazendo marcas expressivas e duradouras no desenvolvimento emocional e educacional do aluno.

Ainda me lembro com profundo saudosismo dos meus primeiros passos dentro daquela sala de aula. O ano não me lembro com profunda exatidão, mas nas minhas contas de adulta devia ser 1995 e estava dentro do espaço escolar chamado Centro Educacional Epaminondas Torre de Aquino. Todos os dias ao chegar na escola fazíamos fila, cantávamos o hino nacional, rezávamos o pai nosso e íamos para sala. Ao entrar na sala de aula ficávamos ao lado das carteiras e aguardávamos a chegada da educadora, pois só podíamos sentar quando a autoridade máxima da sala mandasse.

E ela entrava, ao abrir a porta, parecia que o sol entrava junto com ela, ou que ela mesma era o próprio sol. Aquela presença ornava com o local, pois tudo naquele ambiente coexistiam para aguçar a mente infantil. Era tudo tão colorido, cheiroso, palpável e brilhante como a figura daquela professora. Talvez daí surja a explicação para o significado de seu nome, Clarice, que segundo o dicionário dos nomes próprios refere-se “a aquele que é brilhante, ilustre e iluminada”. Por meio de sua mediação, eu aprendi o a, e, i, o, u, juntei as consoantes em sílabas, palavra e frases e escrevi esta monografia.

Foi no início do meu fundamental, nos anos iniciais, que minha família praticou a migração interna. Saímos de nossa casa na Paraíba e vivenciamos três longos dias de uma viagem que mudaria completamente meu destino, rumo a cidade de Maricá - RJ. Acredito profundamente que se não tivesse sido aquela decisão tomada pelos meus pais de se aventurar por necessidade em uma viagem e tentar algo novo para engrandecer sua vida financeira, eu não teria acesso à educação que tanto me ajudou e começou ali, naquela Escola Municipal João Monteiro.

Recordo-me, durante esse período, de uma situação que marcou meu processo escolar. Ao fazer a tarefa, meu colega ao lado não conseguiu responder uma determinada questão. A professora foi até ele para auxiliá-lo, e eu muito curiosa fui olhar, inocentemente exclamei: “Nossa! Essa é muito fácil”. A professora preferiu em tom muito alto com um olhar de fogo a seguinte frase: “Cale a boca! Que você não sabe mais que ele”. Não sei o que se passava no particular emocional daquela professora, mas a sua voz ecoa em minha memória até hoje.

Acredito que a palavra tem poder e quando ela é externada sem filtro, pode ocasionar mudanças comportamentais no educando. Após essa situação exemplificada no parágrafo acima, eu simplesmente mudei. Eu era a aluna da frente, a que respondia e “sabia de tudo”. No outro dia, eu sentei na segunda fileira, a professora não percebeu; no outro dia eu fui para

o centro da sala, ela não percebeu; na outra semana eu já estava no canto, e ela...nada. No final do mês eu já era a aluna do “fundão”, onde estou até hoje.

Estar no fundo da sala me tornou espectadora do favoritismo. Pude perceber a escolha que os educadores faziam durante suas aulas, os direcionamentos de seus saberes tinham um destino certo, um público que não abarcava o todo, mas sim, uma pequena parcela minimamente reduzida daqueles favoritos a beber o néctar da educação e se banhar de toda a sabedoria que surgia daquele grande ser de influência a frente da sala de aula. Parece uma ação simples e muito despretensiosa, o verbete dito, mas podemos perceber que esse tipo de atitude, de uso equivocado da força da palavra, pode reverberar por um longo período de tempo.

As reviravoltas da vida, fizeram com que voltássemos à Paraíba e com isso iniciei o meu ensino fundamental II, marcado por esse processo ocorrido anteriormente de dar continuidade ao distanciamento da figura do professor dentro da sala de aula, e ir caminhando lentamente até o fundão sem que ninguém percebesse a minha transição. Então, a aluna exemplar, participativa e estudiosa, foi deixando os cadernos e as tarefas de lado e foi desaparecendo vagarosamente até o fundo da sala. Esse período foi marcado pelo medo do ingresso no ensino médio, as problemáticas corriqueiras pré-adolescentes que incluíam a família, os relacionamentos afetivos e de amizades e o medo da vida adulta.

Na Paraíba ingressei na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Major Antônio de Aquino - não entendo esse fascínio por nomes grandes em escola. Minha presença já exalava a indisciplina característica de idade e mais ainda pelos ecos de não ser ouvida. Acentuava-se cada vez mais o embate com os professores, por coisas que eu simplesmente não podia compreender o porquê de eu estar sendo chamada atenção por realizar determinada ação. Exemplos: Uma das professoras me chamou de "menina macho", pelo fato de eu ter assobiado. Outra me deu nota baixa por ter desenhado o símbolo Yin e Yang na capa do trabalho, segundo ela "não era coisa de Deus". Outra mandou eu falar direito, pois eu "chiava demais". E outra me mandou para a direção, porque eu perguntei quando iríamos aprender algo da religião africana, já que a educadora estava nos ensinando a rezar o pai nosso durante a aula.

Me lembro bem de uma vez que apresentei um trabalho, algo que era extremamente difícil para mim, pois eu morria de vergonha e tremia descontroladamente. Neste trabalho, segundo a educadora, tínhamos liberdade de escolher o que abordar, desde que seguisse a linha do tema principal sobre “violência”. Escolhi tratar da violência que o estado fazia contra pessoas negras e pobres segundo sua representação em uma determinada música do grupo de

rap nacional chamado Racionais mc's. Na hora da apresentação falei bem, expliquei e todos os meus colegas adoraram e me deram parabéns...tirei a nota mais baixa do grupo.

Em outra ocasião, ao começar a namorar um rapaz, ouvi um professor dizer ao chegar silenciosamente na sala dos professores: “É um milagre ela ainda não está grávida”. Fato que me faziam pensar com todos os ruins sentimentos que existiam naquele momento: “Esses professores nunca acreditaram em mim”. Eu nunca fui a preferida, eu sempre fui o problema”. Mas tudo que eles faziam comigo só me dava a certeza do tipo de profissional que eu queria ser, do tipo de educadora que eu queria me transformar e era algo completamente diferente do que eles demonstravam para mim. Eu iria ser melhor e tinha certeza disso.

Nem todos os educadores carregam consigo a bagagem que pesa e afeta aqueles que dependem de seu valor de influência profissional. Existem, aqueles que exalam a boa vontade do exercício de seu trabalho. Um desses exemplos de profissional, refere-se a um mestre criador de um projeto intitulado “Borboletas”. Nos fundos de uma biblioteca, ele nos preparava para o vestibular. E, assim como o título do projeto, suas palavras também voavam como borboletas, tornando aquele momento de aprendizagem mais leve e motivador.

No ensino médio eu já era a aluna problema, porque eu era atrevida e respondia a todos os professores que diziam que eu não tinha futuro. Estavam tão certos, que montei junto com mais dois amigos, o primeiro grupo de estudantes voluntários para reabrir, catalogar livros e cuidar da biblioteca que estava fechada a meses. Recrutamos outros alunos e contabilizamos cerca de 15 alunos que foram divididos em funções distintas e o espaço de leitura começou a funcionar nos três períodos. O grupo de voluntários foi o início da minha caminhada de compreensão do sistema funcional da profissão de educador. Me ajudando a conhecer os procedimentos de ingresso na faculdade e mais ainda, aprimorando ainda mais a minha vontade de me tornar professora.

Destaco aqui a aparição da aparecida, a professora Cida, era doce e calma, não precisava alterar sua voz para chamar atenção. Sua explicação sobre o romance Menino de engenho, me auxiliou na hora de fazer a prova do antigo vestibular da UEPB. Ao ler as questões, parecia que eu ouvia sua voz narrando cada palavra e me direcionando a resposta certa. PASSEI! Confesso que foi revigorante ver a face descrente de alguns professores ao saberem do meu sucesso, mas eu não esperava menos deles e esperava muito mais de mim.

O ensino médio foi finalizado com chave de ouro. Na minha formatura, fui oradora da turma, discursi para todos os crentes e descrentes de figura naquele momento, os tremores descontrolados, não mais existiam e com voz ativa reivindiquei o transporte gratuito para a massa universitária que estava prestes a participar da minha amada UEPB, a gestão falida da

época. Fui aplaudida sonoramente e tive uma noite maravilhosa. Quando recebi a gravação da minha formatura, a qual foi um "presente político" percebi que meu discurso havia sido cortado completamente.

A faculdade, durante o curso de Letras Português, foi o momento mais maravilhoso da minha vida. Era libertador, inovador, revigorante estar naquele ambiente. As conversas eram mais instrutivas, as aulas transpareciam sabedoria. Me senti em casa, acolhida e bem recebida. Estava, enfim, realizando os meus primeiros passos para o meu sonho de criança, ser professora. Aquele espaço só me serviu para ampliar todas as minhas perspectivas de vida e ainda mais com um grande número de influências positivas vindas de grandes profissionais. No ambiente acadêmico percebi com mais clareza a pluralidade da vida, a diversidade cultural e o respeito ao próximo independente de sua linha de raciocínio, se discordávamos, debatíamos, se concordávamos, debatíamos. E isso me deixava cada vez mais rica mentalmente.

Então, surge aquela mulher pequena aparentemente frágil, a professora de latim, Neni. Toda de branco, caminhava a passos lentos pelos corredores de minha casa, a UEPB. Em suas aulas eu entrava, e ia para o meu fundão. Ela pedia para que durante as suas aulas a turma se reunisse mais perto dela, e assim fizeram. Também fui, mas permanecia atrás de todos. Em uma determinada aula, ela diz: “Adriana! Sente aqui na frente. Aí atrás você não vai me ouvir”. Relutei, disse que dava para ouvi-la perfeitamente e realmente dava, mas ela insistiu e eu a respeitei. Estava eu ali, na frente, depois de tantos anos...ela me viu. Aprendi latim? Não! Mas além das palavras “laborare” e “magister” que ela trouxe, ela trouxe também a presença perceptiva e significativa em minha vida.

Em 2014 tive meu contato com a minha primeira sala de aula como professora participando do projeto Mais Educação do Governo do Federal, fui chamada para ministrar aulas de reforço para alunos dos Anos Finais do Ensino Fundamental. Confesso que não me senti preparada e o fato de estar em sala de aula ainda era algo esperado, porém uma experiência nova. Não deixando de ser um momento extremamente importante para mim. Ao mesmo tempo digo que não foi nesse período que me realizei como profissional. Com algum tempo depois, enfim, surgiu a minha oportunidade. Agora sim!! Professora Adriana. Entrei naquela sala dos professores, sentei ao lado dos meus velhos professores, os quais em sua maioria achavam que eu não tinha futuro. Tive, tenho e terei. E graças à falta de fé de muitos daqueles profissionais que deveriam ser um bom exemplo, eu me tornei uma professora, não para ser igual a eles, mas sim, ser diferente.

Então, eu entrei naquela sala do 6º ano. Vi aqueles olhos pequenos, aqueles alunos, ali eu ministrei a minha primeira aula e soube que era exatamente isso que eu queria fazer. Soube que tinha sido para isso que eu estudei, que eu sonhei, que eu lutei. Digo que não aprendi o ofício logo, mas sei que o tempo está me ensinando a ser uma educadora melhor e tudo começou ali, naquela sala do 6º ano. Assim como Freire (1986, p. 23) diz:

Ensinando, descobri que era capaz de ensinar e que gostava muito disso. Comecei a sonhar cada vez mais em ser um professor. Aprendi como ensinar, na medida em que mais amava ensinar e mais estudava a respeito”. O mesmo atribuo a minha relação no ato de ensinar, ainda estou aprendendo a ensinar e amo saber mais, para que desta forma possa aprimorar minhas capacidades como profissional.

Aqueles alunos do sexto ano, hoje estão prestes a se formar no ensino médio, aqueles alunos do projeto Mais Educação, que tinham idades variadas, hoje encontro alguns nos corredores da UEPB. E olha só! Alguns deles foram e são meus colegas de profissão. Assim, todas as experiências vivenciadas no seio escolar, sejam elas boas ou ruins, foram válidas para mim, pois foi através delas que pude me consolidar aos poucos na profissional em formação contínua que sou hoje.

Ver um erro e não repetir, aprender com a lembrança do que passou, trazer um novo olhar, um novo tom de voz a atividade de educar é algo de minha responsabilidade, pois em momento algum eu posso me colocar no lugar de desmotivação, é necessário quebrar o ciclo de má influência. Porém, esse é o meu “eu”...o que soube lidar, mas, e todos os outros alunos que não souberam lidar com uma situação semelhante e de alguma forma foram afetados por palavras que carregam o peso que desmotiva o seu aprendizado?

Compreende-se, que em sala, o profissional necessita do manejo em seu vocabulário, na finalidade de se evitar algum impacto negativo na mentalidade do educando. Por vezes, o uso da força de expressão exacerbada é desnecessário e inapropriado no tratamento com o aluno. Reconhecer essa mudança, essa percepção do uso da palavra como instrumento de poder é primordial para criar um ambiente empático e inclusivo, no qual o professor não é apenas movido pela ação mecânica de repassar o conhecimento, mas aquele que auxilia na construção de um aluno pleno em suas atividades emocionais e sociais.

O educador em sua postura de profissional, configura-se sobre uma perspectiva que abarque a conscientização e o cuidado em suas palavras, podendo propiciar uma adaptação estratégica do ensino, sem que haja desmerecimento do falar do aluno e de sua escuta com significado. Com um olhar mais sensível, o professor traz para o grupo escolar uma abordagem que considera o aluno como ser ativo da relação de ensino, antepondo-se ao ideal

de que o educando deve apenas absorver conceitos pré-programados. Distanciando-o de uma formação que a interação social por meio da palavra mais afetuosa aplicada pode lhe proporcionar.

Assim, mais uma vez surge “a palavra”, em todo seu poder transformador. Esta é a arma que mune o professor, transcende o fazer educacional e ecoa no emocional em construção do aluno. Aluno este, que carregará consigo as marcas significativas de um determinado professor, que em algum momento de sua vida lhe disse: “Você consegue”, ou “Você nunca vai ser ninguém na vida se continuar assim”. Cada palavra-expressão, seguirá como uma tatuagem quase que eterna na alma.

2 A PALAVRA EM SEUS DIVERSOS CONTEXTOS DE COMPREENSÃO

Para discutirmos sobre a palavra é praticamente indissociável não abordar as questões formais que envolvem seu uso e sua compreensão, mediante as múltiplas maneiras de entendê-la. Ressaltando a dimensão teórica que abarca seu estudo dentro da linguagem na linearidade linguística ao tratar do significante e significado. Na gramática, a palavra transcorre na formalidade de sentido solitário ou em conjunto para a que lhe atribui função e significado dentro do contexto da frase. Enveredando em seu uso adaptado à vivência do falante, caminhando ainda nas margens do verbo dito e exposto na religiosidade cristã, ou na palavra poética; cada qual, atribuindo dimensões contextuais à palavra.

2.1 O igapó gramatical e rio caudaloso da linguística

Bechara (2009, p. 39), em sua obra *Moderna Gramática Portuguesa* demonstra a palavra no conceito da formalidade gramatical da língua, na qual o mesmo a apresenta como unidade significativa partindo da morfologia e da sintaxe: “A parte central da gramática pura é a morfossintaxe, também com menos rigor estudada como dois domínios relativamente autônomos: a morfologia (estudo da palavra e suas “formas”) e a sintaxe (estudo das combinações materiais ou funções sintáticas)”.

Iniciando a partir da morfologia, Bechara (2009), define a palavra desde a menor unidade de significado conhecida como morfema (prefixos, sufixos e afixos), partindo para as classes gramaticais (substantivos, verbos, adjetivos, preposições, etc.). Afirmando a compreensão da formação da palavra dentro de um sistema perfeitamente regido na norma formal da gramática, ou seja, nessa ideia, é a palavra em seu sentido interior partida funcional.

Enquanto a morfologia nos apresenta a palavra de maneira isolada, a sintaxe a insere em um sistema organizado dentro de uma oração que num trabalho em conjunto expressam total sentido. Este processo interacional da palavra expõe a sintaxe, colocando-a como dentro do sistema organizacional da oração em si, participando da formação e construção de significado textual.

Utilizando-se da análise sintática, a frase: “O poder da palavra” pode ser analisada como oração nominal, pois não apresenta em sua formação um verbo. A frase apresenta quatro termos, em que cada qual desempenha sua função grupal dentro da estruturação lógica. Deste modo, os termos “O poder”, surge como núcleo do sujeito, sendo “O” artigo definido de “poder”, este último termo assume o papel de substantivo; “da palavra”, complemento

nominal, em que “da” preposição surgindo da junção de “de” com o artigo “a”; “palavra” está atrelada semanticamente ao termo “poder”, agindo para completar o sentido.

Poderíamos verbalizar todas as formas de ramificações gramaticais possíveis que podem explicar o que é a palavra dentro do contexto gramatical, entretanto, ficaremos com a expressão mais simplificada, em que, cada orientação expressa pela gramática e sua contextualização da palavra em si, irá evidenciar o valor formal de seu uso. Apresentar de forma explicativa a sistematização proposta por Bechara (2009), não apenas nos leva a compreender a palavra de maneira isolada, mas também faz com que a percebamos em uma reação interacional, em que cada termo assume seu papel, no auxílio à construção de um enunciado que corresponda a coerência e coesão textual necessária.

Para Saussure (2006), a palavra não pode ser vista como agente solitário, mas sim, como instrumento maior a serviço do sistema linguístico. Em que esta surge da atribuição do sentido que empregamos sobre algo determinado, ao passo que a imagem sonora dentro da consciência fonológica, já existe, antes mesmo de expressá-la em palavras propriamente ditas.

O caráter psíquico de nossas imagens acústicas aparece claramente quando observamos nossa própria linguagem. Sem movermos os lábios nem a língua, podemos falar conosco ou recitar mentalmente um poema. E porque as palavras da língua são para nós imagens acústicas, cumpre evitar falar dos "fonemas" de que se compõem. (Saussure, 2006, p. 80).

Assim, surge a palavra na perspectiva do autor como um signo ramificado entre significante, no que diz respeito a formação fonética, e significado no trato da ideia, conceito que lhe é atribuído. Observemos o signo linguístico “poder”, dentro do significante sua imagem acústica é exemplificada através da transcrição fonética (/po'deR/). Ao levarmos em consideração a partir do significado, a mesma pode ser compreendida de acordo com o contexto, e, dessa forma, podemos remeter a ideia de força, ou a questão da autoridade. Saussure (2006), salienta ainda, a arbitrariedade do signo, podendo este ser reproduzido em seu significante de outras formas, como: Power (Inglês), fuerza (Espanhol) ou pouvoir (Francês). Entretanto, de acordo com a localidade, pode ainda obter significados semelhantes, ou divergentes. Daí a questão da arbitrariedade.

Assim, retornamos a concepção inicial de Saussure (2006), em que a palavra por si só, não possui significado fixo, dependendo, assim, de sua relação interacional social, na consideração da palavra como signo linguístico, a partir da consciência fonológica, oriundo

do ambiente em que o falante está inserido. Deste modo, cada qual irá atribuir com o significante e o significado que lhes for adequado.

Trazer a reflexão sobre as diversas dimensões da palavra é importante, na perspectiva de compreendê-la além da usabilidade formal, bifurcando um ou vários novos caminhos conceituais que nos auxiliam a ampliar nossa visão sobre a mesma, ultrapassando os muros da gramática. Atribuindo-lhe o poder social e relacional que emana de sua verbalização, desenvolvendo o reconhecimento da importância da percepção do uso da palavra como uma ferramenta que transcende as regras de escrita, e ao mesmo tempo atribui força a percepção do impacto que esta pode reproduzir nas interações humanas.

Ao enveredarmos nas relações sociais, Bagno (1999), coloca a palavra como algo difundido dentro da língua falada, em sua imensidão de influências empregadas por seus indivíduos em constante circulação. Diferenciando-se da palavra inserida no quadrado da gramática ou na redoma linguística em suas normas pré-estabelecidas. Para tanto, Bagno (1999, p.09) nos diz que: “A língua é um enorme iceberg flutuando no mar do tempo, e a gramática normativa é a tentativa de descrever apenas uma parcela mais visível dele, a chamada norma culta”.

A palavra, na opinião do autor, é transcendente ao mito da unidade vocabular em que muitos desconsideram a diversidade dos falares, creditando a existência estática da palavra no Brasil. A expressiva fluidez das palavras enquanto participativa da língua viva e em constante movimento é vista como um contraponto à rigidez gramatical:

[...]a língua é um rio caudaloso, longo e largo, que nunca se detém em seu curso, a gramática normativa é apenas um igapó, uma grande poça de água parada, um charco, um brejo, um terreno alagadiço, à margem da língua. Enquanto a água do rio/língua, por estar em movimento, se renova incessantemente, a água do igapó/gramática normativa envelhece e só se renovará quando vier a próxima cheia. (Bagno, 1999, p. 11).

A corrente constante transcorre na velocidade adequada a cada trecho, carrega o que houver no caminho, mudando, marcando e sendo marcada pelas influências. Evidenciando a palavra como um processo dinâmico que considera o social, o cultural e o histórico. O rio das palavras é constância de fluxo transformador, dita pelo autor, abrindo a percepção reversa exposta pelos demais aqui assinalados anteriormente. Ao referir a palavra como “Igapó”, em que sua fluidez é dependente de futuras e distantes mudanças que serão previamente anunciadas. Bagno (1999), segue de forma contrária às limitações impostas pelas regras que

desconsideram e empregam a palavra fora dos créditos relacionais que todos nós, falantes, estamos inseridos.

Surge a possibilidade de compreender a língua dentro de sua renovação, na criação de novos significados dados às palavras que dão o princípio, o meio e o fim de nossas relações interpessoais. O verbo que percorre as linhas de nossas vivências e experiências, participa e existe desde os primórdios dos passos de transformação humana, compactua com o nosso pensar e coabitam com as nossas diversas formas de se expressar. Coexiste no tempo, liga povos e suas diferenças, vincula o racional ao religioso, é o nascer da vida e a morte da mesma, assim é a palavra em suas dimensões conceituais.

2.2 “E o verbo se fez carne e habitou entre nós”

Na tradição cristã, a palavra é dita como o verbo enunciado por Deus que principiou toda a existência. Assim como a palavra no contexto humano é ponte que interliga pessoas e suas ações, o mesmo ocorre no dito verbo divino; este serve como elo entre o homem, o mundo e o universo, criados pela figura maior celestial do poder. Assumindo a dimensão que perpassa o sentido regido pelo padrão, configurando-se não como unidade de valor gramatical ou linguístico, mas como ligação espiritual entre o ser humano e a entidade divina, Deus.

No princípio era a Palavra, e a Palavra estava com Deus e a Palavra era Deus. Aquele que é a Palavra estava com Deus no princípio. Todas as coisas foram feitas por intermédio dele; sem ele, nada do que existe teria sido feito. Nele estava a vida, e esta era a luz dos homens. A luz brilha nas trevas, e as trevas não a derrotaram. (João, 1:1-5).

A colocação dispõe a palavra que transcende o valor limitado, ela não é só um signo, mas a simbologia que reflete a ideia criacionista do todo. Neste caso, o verbo é pilar de uma fé quase inquestionável, fonte de esperança, amparo e força. Deixando de ser uma entidade abstrata, passando a ser concreta, existente em nossas vivências. Deste modo o evangelho de João (1:14), reforça: "E o Verbo se fez carne, e habitou entre nós, e vimos a sua glória, como a glória do Unigênito do Pai, cheio de graça e de verdade".

Biderman (1998), defende a palavra como instituidora, pois a mesma está ligada de forma intrínseca e interiorizada em todo o caminhar da humanidade, sendo aquela que se manifesta em todos os espaços de vivências comuns e distintas. O pensar expresso por Biderman, manifesta ainda, a palavra como criadora das culturas sejam elas, atuais, ou

surgidas de tempos imemoriais oriundas de um poder divino, porém todas elas reverberam influências e memórias, marcam e registram o tempo e o povo que a utiliza.

Podemos compreender que de certa forma Biderman e Bagno se conectam ao expressar a palavra como ação de movimentação. Se para Bagno (1999) a língua é um processo de interação que exprime e sofre influências dos indivíduos em sua utilização, Biderman (1998) nos demonstra a palavra divina difundida não apenas do ser principal, mas também de sua caminhada feita por aqueles que foram escolhidos para espalhá-la por todos os quatro cantos do mundo em formação.

Confirmando a dinamicidade e a fluidez que existe na palavra, tanto o pensar teológico como o pensar linguístico, distância a palavra de seu estado petrificado, na qual a mesma, é evidenciada como fonte de articulação entre saberes, propagadora de ideias e opiniões, que as moldam ao sabor daqueles que a carregam.

Transcorremos o raciocínio nos passos iniciais do verbo no preceito religioso cristão, não como algo estático, mas como eco a ser ouvido, repassado e seguido. Biderman (1998, p.86) mostra: “Na Bíblia a força da palavra divina não se circunscreve a Deus, mas difunde-se por seus enviados: os profetas. Porque eles são arautos do Altíssimo, os profetas são dotados do mesmo dom divino que lhes é comunicado na sua missão”. Nesse molde, a palavra ganha passos, asas e percorre o mundo, e esse mundo a reverbera, instiga e a experiencia dentro de todas as relações atemporais.

Vislumbrar a palavra como precursora da existência do todo é uma ramificação possível a ser considerada. Essa ideia ilustra o poder do enunciar, não apenas a palavra como participação da interação social, mas aquela que principia e dá origem a partir do momento de sua verbalização. Gênesis (1: 3-5) nos mostra a origem através da palavra: “Deus disse: “Que a luz seja!” e a luz se fez. Deus viu que a luz era boa, e Deus separou a luz das trevas. Deus chamou à luz dia e às trevas à noite. Houve uma tarde e uma manhã: primeiro dia”.

Deste modo, a palavra não reflete apenas uma vontade divina a ser seguida, ou única e exclusivamente ponte entre o criador e a criatura, mas age como alimento explicativo da existência do ser. Deixando de ser abstrata, para se tornar algo palpável, concreta e edificada, uma vez que não é apenas o ato de nomear, mas sim, a ação de se fazer existir dentro de nossas percepções de mundo. Mais uma vez, explicitando a natureza dinâmica existente na palavra.

2.3 A subjetividade da palavra poética

Acentuando ainda mais a performance multifacetada que é a palavra dentro das diversas maneiras de expressá-la e compreendê-la, podemos enveredar sobre a palavra nos caminhos poéticos. Nesta perspectiva, a mesma surge não como característica informativa, ou um mero texto corriqueiro de usabilidade comum, em que lemos e deixamos de lado. Nesta ideia, o verbo assume uma expressão subjetiva que instiga emoções e desenvolve experiências sensitivas que apenas a poética é capaz de estimular.

No âmbito poético a palavra ganha gracejos, múltiplos significados, se mostra como interlocutora de amores, reivindicadora de esperanças, ganha o sentido do sentimento a ser demonstrado. Neste entendimento, a palavra, mais uma vez, perpassa a formalidade do além métrico, emoldurado e enclausurado. Ela vem com cores, sabores, sensações e todas as emoções possíveis a serem manifestadas por aqueles que se atrevem a enveredar na palavra poética.

“É necessário fazer amor com as palavras”, frase expressa por um educador acadêmico que abrilhanta o curso de Letras Português em nossa Universidade Estadual da Paraíba, o mesmo nos apresentou ao conceito de que a leitura de um texto poético não deve ser feita como quem ler um jornal, uma receita de bolo, ou qualquer produção informativa. Para tanto, o educador manifestou seu pensar e o verbalizou dentro de seu carácter explicativo no contexto do momento, no entendimento de que a palavra nem sempre é rocha, a qual tratamos com rispidez, mas que a mesma pode e deve ser tratada como um condutor maleável de emoções, ou quiçá o rio caudaloso dito por Bagno (1999).

Então, a título de exemplificação apresentamos Adélia Prado e sua produção intitulada “Antes do nome”. Nesta escrita a autora observa o mundo em sua perspectiva particular, abraçando de maneira característica, o divino. Esse olhar também inclui a palavra e a linguagem, como algo que transpassa o seu valor cotidiano e assume o valor simbólico que coloca a palavra como o princípio das coisas. Apreciemos a escrita poética abaixo:

Não me importa a palavra, esta corriqueira.
Quero é o esplêndido caos de onde emerge a sintaxe,
os sítios escuros onde nasce o «de», o «aliás», o
«o», o «porém» e o «que», esta incompreensível
muleta que me apoia.

Quem entender a linguagem entende Deus
cujo Filho é Verbo. Morre quem entender.
A palavra é disfarce de uma coisa mais grave, surdamuda,
foi inventada para ser calada.
Em momentos de graça, infrequentíssimos,
se poderá apanhá-la: um peixe vivo com a mão.
Puro susto e terror (Prado, 1991, p. 22).

Em seus primeiros traços na linha inicial, Adélia Prado nos faz refletir sobre a fulga do uso da palavra em situações do dia a dia. Essa ideia se acentua ainda, quando a escritora utiliza a frase: “Quero o esplêndido caos de onde emerge a sintaxe”, a frase é a demonstração da tentativa mundana de organizar aquela que se apresenta para ser fonte de origem vívida e incontrolável, como o caos. Assim, temos a evolução sem freio da palavra que emerge da “sintaxe”. Sendo a sintaxe uma das partes ordeiras da gramática normativa, essa ação de emergir do estático é prova do movimento vivido que a palavra pode nos proporcionar, a partir do momento que a entendemos como aquela que ultrapassa e tem a possibilidade de nascer até de dentro das limitações, enaltecendo o constante ressurgimento do verbo.

É interessante percebermos que Adélia Prado dá a mínima importância aos termos gramaticais que são necessários para compor uma frase, pois ao serem usados separadamente não lhe é atribuído sentido algum, sendo eles instrumentos que servem de conexão, mas que apesar de sua ineficácia de significado, a apoia em sua escrita. Esta colocação é percebida no seguinte trecho: “os sítios escuros onde nasce o «de», o «aliás», o «o», o «porém» e o «que», esta incompreensível muleta que me apoia”.

De maneira alguma vamos menosprezar a métrica compassada que a gramática utiliza para explicar a palavra, nem tampouco diminuir o valor sonoro empregado pela linguística a musicalidade existente em cada vogal, consoante ou encontro vocálico. Entretanto, é interessante entendermos, nessa perspectiva, que a gramática pode ser a base bruta com seus conectores, mas a palavra poética é transgressora dessas amarras, servindo como apoio a expressividade do homem e suas mais específicas experiências no mundo.

A escrita do poema traz ainda o lado místico e religioso empregado pela autora ao verbo. Lança a sua produção a expansão do olhar perceptível sobre a palavra que a acompanha em suas relações observativas do contexto que a cerca. Pacheco (2016) relaciona a ligação intimista da poetisa com esse olhar disruptivo que permite empregar em sua obra o conceito da essência da palavra nessa óptica quase que divina.

Adélia bem sabe, pois opera constantemente o seu olhar atento a tudo o que a cerca, sabendo que todas as coisas são capazes de revelar o Divino, que, em seu caso, como vimos está intimamente relacionado ao poético. Adelia Prado quer ultrapassar a barreira inicial das palavras, pois sabe que para além delas está a essência da linguagem e afirma que tal essência está próxima do mistério de Deus. (Pacheco, 2016, p. 67).

Retomamos com essa passagem na linearidade já apresentada do pensar na palavra pela perspectiva cristã, em específico com o evangelho segundo João. Algo que se repete

dentro da produção textual de Adélia Prado, a partir do momento que a seguinte frase é colocada: “Quem entender a linguagem entende Deus, cujo Filho é Verbo. Morre quem entender”. Refletimos sobre o início das coisas e a façanha da verbalização para se fazer o existir, uma vez que, o verbo seria o entendimento inicial do ser.

A busca pela total compreensão da palavra também pode significar a finalização de uma jornada, pois ao compreendermos sua totalidade talvez possamos deixar de lado, a espontaneidade enérgica, a vivacidade de suas nuances e as experiências extra raciocínio lógico que a palavra poética pode nos proporcionar, “Morre quem entender”. Finda-se em uma morte simbólica ao tentar alcançar uma verdade absoluta que cerceia a poética do verbo.

Dimensionamos na necessidade humana em tentar entender tudo de forma plena. Está dentro da natureza do ser humano a busca por um ponto central para o apego a sua verdade, ou seja, queremos dar sempre um limite até onde podemos chegar, saber e entender, e isso também se aplica a compreensão sobre a palavra. Pacheco (2016, p. 68) acentua: “As palavras e a linguagem demarcam a ação do homem diante da realidade que limita o nosso alcance, mas sem ela não teríamos o mundo humano [...]”.

Para Adélia Prado a palavra não demarca apenas a liberdade de expressão do emocional adormecido, mas também pode ser vista como aquela que esconde as mazelas do homem, na qual, o ser não se permite verbalizar as suas vontades, ideias e sentimentos: “A palavra é disfarce de uma coisa mais grave, surdamuda, foi inventada para ser calada”; o que apesar de uma magnitude interpretativa, é limitada aos poucos momentos de frenesi necessário nas particularidades do ser: “Em momentos de graça, infrequentíssimos”. Nós mesmos, empregamos a face que insistentemente procura reprimir a palavra, fazendo com que ela assumisse como uma visão turva que cega as dimensões de sentidos possíveis em sua utilização.

Quando a poetisa escreve: “se poderá apanhá-la: um peixe vivo. Puro susto e terror” referencia a palavra como aquela que é viva, detém do movimento, da persistência de viver, é escorregadia e pode escapar diante de nossos olhos. Apreendê-la completamente dentro da epifania plena sobre a palavra é o mesmo que perecer, estagnar e morrer sem experienciar a gama de possibilidades que a palavra poética pode nos proporcionar. Como Adélia disse: “Morre quem entender”.

A palavra, em sua incontestável relevância, assume a postura de principiar as relações, construir materiais firmes e invariáveis, ao mesmo tempo que se constitui como a fluidez que permitimos expressar sobre ela. Liga a ordem concreta, ao caos que alimenta e externaliza

nossas maiores façanhas na fé, no real mundo, nas interações, nas verbalizações, no som e no silêncio. É via de mão única, mas também é desestabilizadora de estruturas lógicas.

Percebemos, assim, o poder da palavra que emerge tanto do pensar ordeiro dos gramáticos e linguistas, com suas regras, métricas e posicionamentos para cada termo em específicos; das atribuições conceituais segundo o princípio da existência cristã, na observância da existência segundo o verbo divino; assim, como a compreensão da palavra dentro do fazer poético, ao passo que esta, nos é apresentada com teor de liberdade, possibilidades a expressões que não se limitam ao falar cotidiano.

Tratar desse caráter múltiplo que é marca registrada da palavra, é evidenciar a necessidade da atenção a forma como a mesma é manifestada em seus contextos de interação social. O homem por si, a carrega, por vezes de forma imprudente. Desconsiderando o impacto daquilo que é enunciado. Afetando diretamente as relações sociais, sobre a influência da má verbalização. A palavra pode edificar ou desmoronar, pode construir heróis ou criar vilões, criar novas realidades ou destruir sonhos, essas possibilidades ficam a cargo daquele que detém o poder da palavra.

2.4 A palavra como recurso metodológico

Compreendemos que a palavra existe e coexiste com nossa existência. Não há como dissociá-la de nossas interações sociais e todos os ônus e bônus que essa relação nos traz. Então, porque não buscar seu entendimento dentro dos espaços de ensino, mais ainda quando a palavra surge de um emissor de grande importância, o professor? Este profissional é o responsável por transformar a palavra em instrumento metodológico adequado, ao mesmo tempo em que é consciente de sua importância vocabular dentro daquele ambiente.

No decorrer de nosso processo de ensino aprendizagem é importante entender novas metodologias que se adequam e implementam uma visão do fazer educacional aos modos de ensino. São múltiplas as técnicas e manejos que circundam o seio escolar, entre eles, a própria voz emanada do educador, o qual torna-se responsável metodologicamente pelos diálogos sociais necessários ao momento, bem como com a emissão de informação e a lida consciente daquilo que pronuncia.

Bezerra e Souza (2018), conceitua a metodologia como um conjunto de estratégias que englobam o bem comum do grupo estudantil, da mesma maneira que esta ação sirva como meio de intervenção e reconhecimento das práticas mais eficazes ao pleno desenvolvimento

do ensino e aprendizado do corpo discente. Sendo esta, também, uma fonte contributiva da ação reflexiva que o educador adquire ao se permitir ampliar sua visão metodológica.

Devemos lembrar que as metodologias utilizadas pelos professores devem ser sempre atualizadas, procurando inovar a sua prática no contexto escolar para que consigam um desempenho satisfatório referente ao alunado que através de suas metodologias e atividades utilizadas envolva nos alunos o interesse para se inserirem cada vez mais no espaço escolar em busca de conhecimentos. (Souza e Bezerra, 2018, p. 03).

Assim, a palavra não surge apenas dentro dos sabores previsíveis gramaticais ou única e exclusivamente das ações experienciais do mundo das línguas que verbalizam a fé, as crenças, as ideias e poesias, mas como um conjunto dessas partes que surgem dentro da metodologia de ensino, principalmente quando nos referimos a sua utilização dialógica em sala de aula intermediada pelo profissional de educação, em que este, a utiliza de maneira corriqueira e intencional, com suas estratégias e maneiras que podem ser polidas e adequadas às verbalizações propostas do momento.

O uso da palavra dentro do diálogo entre educador e alunado não permite apenas o repasse do conteúdo a ser ministrado, serve também como recurso metodológico ao reconhecimento da realidade disposta para cada educando. Ao passo que, a partir do momento em que compreendemos a diversidade do ambiente, ampliamos nossas percepções da usabilidade da palavra e como esta pode ser empregada como ferramenta auxiliadora a reflexão educacional, e importante fonte agregadora de sentido a aquilo que é ministrado em aula.

Freire (2020), ao desenhar a sua Pedagogia da Autonomia, ressalta um aspecto importante na fazedura do ser profissional dentro do processo dialógico, propondo que através dos conhecimentos adquiridos nesta interação verbal constitui o conhecimento formador do educador como algo de maior estima e valia a sua metodologia de ensino. Partindo da compreensão de que sua função pode extrapolar a cadência ritmada que estão atreladas ao agir do professor, ao passo que suas palavras sejam percebidas como aquelas que englobam o sentimental, o emocional e o desejo de superar os entraves da insegurança e do medo de se fazer uma educação de significado alicerçada num modo de ensino.

Caminhando para mais além, Tardif (2014, p.61) nos abrilhanta com o pensamento de que este diálogo pode ser um método de compreensão acerca da realidade do alunado, pois é através desta interação dialogada que o educador diminui a distância afetiva, ao mesmo tempo possibilita, no uso dessa relação, a expansão dos horizontes dos alunos. “Finalmente, os

professores se referem também a conhecimentos sociais partilhados, conhecimentos esses que possuem em comum com os alunos enquanto membros de um mesmo mundo social, pelo menos no âmbito da sala de aula”.

Por meio do uso da palavra como ramificação metodológica, o educador pode perpetuar o conhecimento não apenas o que existe em si, mas também aquele que é proveniente do alunado. Considerando sua relação de diálogo, instrumento que mediará e percepção do docente acerca de seu público alvo, ao mesmo tempo em que pode perpassar o fazer simplório, repetitivo do conteúdo métrico disciplinar. Podendo, assim, transformar a sala de aula em um local vivo a partir da interação verbal consciente, perpetuando com o diálogo um aprendizado mais efetivo e adequado.

Através deste diálogo entre professor e aluno, o educador pode incluir as ilimitadas ações de mediação entre o conhecimento externado pelo emissor principal e o saber do alunado que existe e deve ser considerado neste percurso de ensino. Podemos assim, inserir a este movimento o ideal que considera o poder da palavra como metodologia que é uma ramificação que excede o além da exposição temática corriqueira. Sendo assim, Belotti (2010) nos leva a refletir: “O diálogo professor-aluno torna-se fundamental na mediação dos conhecimentos, pois essa proposta não se baseia em comandos e em repetições mecânica”

A própria usabilidade da palavra é uma imersão em mundos distintos nas instituições de ensino, que emergem de cada particularidade e perpassam o saber normativo das linhas de compreensão que o educador conhece em sua atuação. Lajonquière (2011), demonstra a palavra como aquela que não deve seguir de forma distante ao fazer do profissional, fora da linha de sua maestria, desconsiderando seu valor simbólico, uma vez que, a verbosidade é ato de insignificância e nunca será de fato alicerce para a educação e seu processo formativo.

Considerando ainda a ideia de pensar sobre como a palavra do professor pode ser usada como auxiliadora na metodologia de ensino, torna-se importante compreendermos que esta é mais que um meio de comunicação de um determinado tema disciplinar. A palavra em si, que parte do educador é ação intencional de educação, que deve ser planejada e proveniente de uma forma de pensar prévio, para que possa ser evitado o mal entendimento, ou o distanciamento relacional entre educador e alunos.

Deste modo, podemos refletir que, ao não considerarmos a palavra como ferramenta de prestígio dentro do espaço escolar, deixamos de lado o reconhecimento potencial de seu uso como metodologia de ensino. Pois é justamente dentro das instituições de ensino que a palavra se faz presente. Sendo utilizada por aqueles que mais detém o seu poder, o professor.

Ignorar a importância de seu uso adequado, é o mesmo que perder a consciência do fazer pedagógico.

3 METODOLOGIA

Desenvolveu-se a presente pesquisa utilizando-se do método dedutivo, uma vez que, adota uma abordagem que busca no uso do gênero textual entrevista, a obtenção de dados qualitativos e quantitativos, na construção de formulário com perguntas abertas e diretas dirigidas a perspectiva de compreensão do alunos sobre o poder da palavra que emana do educador e de como esta verbalização pode influenciar o seu processo de ensino e aprendizagem.

Nesta concepção metodológica, o decorrer da escrita terá como base o processo de análise acerca das informações que podem nos levar a ideia conclusiva da produção. Sendo atribuída a sua classificação como pesquisa de campo e observatória, pois para concretizar a ideia temática apresentada, será necessário a realização da coleta de dados, que juntamente com os valores teóricos de autores que juntam-se as teias de raciocínio necessárias sobre o tema, traz também o olhar crítico e reflexivo do indivíduo pesquisador.

3.1 A pesquisa e seu percurso metodológico

Consideramos o espaço educacional como grande instrumento de pesquisa funcional, na concepção de que seu meio possui uma gama infinita de temáticas a serem abordadas e refletidas. Sendo assim, o local de investigação escolhido foi a Escola Municipal Luís Galdino Sales localizada na parte central da cidade de Mulungu- PB. Neste contexto, ao tratar do poder da palavra expressa pelo emissor de influência, o professor, como objeto simbólico de participação do processo de aprendizado do aluno, podemos possibilitar a abordagem de mais uma das diversas fontes de assuntos que têm a capacidade de emergir do campo educacional.

A presente monografia apoia-se na diversidade de temáticas que podem ser estudadas na educação, o que nos permite o amparo a metodologia de pesquisa que seja vantajosa e auxiliadora de forma concreta aos objetivos de estudo. Com isso, a produção dispõe da pesquisa qualitativa, pois esta corrobora com a ideia da pluralidade de assuntos, considerando as diferentes dimensões de percepções de conteúdos como fonte real de análise e reflexão. Em consonância como essa linha de pensamento Bogdan e Biklen (1994, p. 49) afirmam que:

A abordagem da investigação qualitativa exige que o mundo seja examinado com a ideia de que nada é trivial, que tudo tem potencial para constituir uma pista que nos permita estabelecer uma compreensão mais esclarecedora do nosso objecto de

estudo. O investigador coloca constantemente questões como: Por que é que estas carteiras estão arrumadas desta maneira? Por que é que algumas salas estão decoradas com gravuras e outras não? Por que é que determinados professores se vestem de maneira diferente de outros? Há alguma razão para que determinadas actividades ocorram em determinado local? Por que é que há uma televisão na sala se nunca é utilizada?

Ao fazermos uso da pesquisa qualitativa, damos continuidade ao pensar de autores como Bogdan e Biklen (1994), que nos permite compreender o estudo como o acesso ao conteúdo de informação provindo do sujeito, dentro de suas construções em experiência com o entorno. Este segmento utiliza-se de uma abordagem em que a pessoa que investiga leva em consideração o interesse do indivíduo, assim como o mesmo dá sentido às ações que ocorrem em sua vida dentro de suas perspectivas particulares.

Discorrendo ainda acerca da estruturação do estudo, este enquadra-se na modalidade de pesquisa de campo como mais um recurso metodológico importante para o desenvolvimento do processo de coleta de dados, a fim de que por meio desta, o pesquisador possa conhecer a realidade de seu objeto de estudo, inferir uma compreensão que pode ir além da interpretação de dados bibliográficos.

Dessa forma, a pesquisa de campo pode propiciar uma aproximação mais íntima entre pesquisador e o objeto de pesquisa. Sobre esta pauta Minayo (1994, p. 56), enfatiza que no processo de realização do trabalho de pesquisa: “[...] são criados e fortalecidos os laços de amizade, bem como os compromissos firmados entre o investigador e a população investigada, proporcionando o retorno dos resultados alcançados para essa população e a viabilidade de futuras pesquisas”.

Com a finalidade de ampliação de relação durante o apanhado de informações, utilizamos da roda de conversa para que os educandos pudessem expressar suas percepções e externalizar de forma verbal aquilo que lhes é conveniente seguindo o fluxo ordeiro pertinente ao conteúdo disposto. Afinal, o que seria da elaboração da cuja escrita denominada “O poder da palavra”, sem ouvi-la diretamente da sua fonte de dados: os alunos?

Este processo ocorreu primeiramente durante duas aulas seguidas na turma do nono ano B. O grupo pesquisado recebeu esta etapa de pesquisa de maneira curiosa e acolhedora, sendo eles muito solícitos ao encontro e o auxílio à criação física da roda de conversa.

Inicialmente, foi contextualizada a importância existente na figura proeminente do educador, após conversou-se sobre a ação de interação de escuta e fala que ocorre entre eles e os profissionais. É interessante ressaltar, o caráter participativo que os educandos atribuíram a

ocasião, não havendo quaisquer objeções que afetasse negativamente o andamento. (Ver anexo 01).

Moura e Lima (2014) configuram a roda de conversa como uma extensão do diálogo social, uma vez que está presente em momentos de descontração e formalidades da vida. Esta metodologia, visa a partilha dialogada dos saberes na circunstância das trocas de experiências, opiniões, de falas, as observações, concordâncias e discordâncias, de tal maneira que esta partilha seja edificante as narrativas que o instante propicia.

No contexto da Roda de Conversa, o diálogo é um momento singular de partilha, porque pressupõe um exercício de escuta e fala. E na percepção de que uma roda de conversa agrega vários interlocutores, os momentos de escuta são mais numerosos que os momentos de fala. As colocações de cada participante são construídas a partir da interação com o outro, sejam para complementar, discordar, sejam para concordar com a fala imediatamente anterior. (Moura e Lima 2014, p. 28).

Vimos assim, os alunos como sujeitos de fala, sujeitos dessa narrativa que transparecem seu poder de observação, e mais ainda sua força de fala e expressão daquilo que lhe toca positiva ou negativamente. Ao mediar a exposição momentânea, observou-se o caráter de importância na construção respeitosa da participação do grupo, o que permitiu a disseminação das vozes em suas diferenças de percepção sobre o tema ofertado.

Logo mais, a turma do nono ano A também trouxe sua contribuição à contextualização. O momento dividiu-se em duas partes antes do intervalo, o qual foi direcionado para a apresentação das mesmas questões reflexivas e dialogadas na turma anterior, e após o intervalo, com a roda de diálogo, a qual ocorreu na vertente de igualdade expositiva das ideias dos educandos da turma antecedente, sendo que esta consegue se expressar ainda mais através da escrita do que do momento de fala.

É necessário frisar que em ambos os momentos de pesquisa foram realizadas durante as aulas do professor de ciências. Estando ele presente em todo o decorrer da dinâmica da pesquisa. Mostrando-se participativo e muito compreensível sobre a temática trabalhada. Ficou perceptível também, o estado confortável em que os educandos se encontravam com relação à presença do educador ali a todo momento, pois, é claro que os alunos puderam se expressar verdadeiramente, devido a manifestação de confiança provinda do educador.

Ainda sobre o andamento da pesquisa, ocorreu a criação do formulário com perguntas diretas direcionadas de maneira impressa aos educandos, (ver anexo 02), para que estes as respondessem após o momento de conversa, na intenção de esclarecer e poder desenvolver uma compreensão mais efetiva sobre a temática trabalhada. Assim, utilizamos um formulário

com cinco perguntas claras e objetivas, que pudessem ser de fácil interpretação por parte dos alunos.

Quando tratamos da utilização de formulário como instrumento de construção e resolução de informações, nos remetemos ao processo de análise acerca das ideias que foram recolhidas, na finalidade de suprir dúvidas e discorrer de forma clara sobre a temática abordada. Piana (2009) encaixa na elaboração e colocação da prática do formulário como ação de pesquisa que mais é utilizado para o levantamento de informações, uma vez que é por meio desse objeto de pesquisa que o indivíduo que busca por respostas pode atribuir a sua análise uma gama de possibilidades interpretativas.

A diversidade de possibilidades metodológicas de pesquisa também deve abarcar as práticas de ganho de dados que compreendam a realidade do grupo observado. Neste contexto, o uso do formulário demonstrou eficácia, principalmente quando o colocamos como mais uma forma de expressão. A estruturação em perguntas, pensadas para que sejam claras e objetivas, favoreceu a leitura e compreensão necessários para a sua resolução e ao mesmo tempo para a discussão no momento. Consolidando assim, a maneira autônoma de expressão e dos educandos.

3.2 Quem são eles?

A palavra nos espaços escolares é o princípio da verbalização de todo o ato de ensino e aprendizagem pertinente ao caminhar educacional do grupo estudantil, pois é dela que provêm as saudações no primeiro contato com o educando, a oralização de regras, ensinamentos e despedidas durante os mais de duzentos dias letivos. Então, por que não apurar nossa consciência de responsabilidade vocabular, partindo da perspectiva do centro da pesquisa: os alunos?

Diante disso, para o bom andamento da pesquisa, torna-se necessário delimitar o universo no qual ela foi aplicada. Conforme os dados fornecidos pela escola campo, inicialmente a coleta abrangia o quantitativo total de 54 estudantes, distribuídos entre a turma do Nono Ano A, com 26 alunos, e a do Nono Ano B, com 28. Entretanto, no dia especificado para a realização da busca informativa, contou-se com a participação efetiva de 36 discentes, sendo 17 presentes na turma do Nono Ano A e 19 no Nono Ano B. Observemos as disposições gerais:

Tabela 01: Quantitativo informativo

CATEGORIA	SUBCATEGORIA	QUANTIDADE
Alunos matriculados		54
Alunos presentes		36
Lugar de residência	Zona urbana	25
	Zona Rural	11
Turma	Nono Ano A	17
	Nono Ano B	19
Idade	13 anos	4
	14 anos	19
	15 anos	8
	16 anos	2
	17 anos	2
	18 anos	1
Sexo	Feminino	10
	Msculino	26
Identificação racial	Negro (a)	9
	Pardo (a)	20
	Branco (a)	7

Fonte: Dados coletados pela pesquisadora

Voltemos a atenção para a faixa etária variável dos educandos. Percebemos uma diferença significativa entre os alunos de maior idade e os colegas recém-saídos da pré-adolescência. Entretanto, todos vivenciam a mesma situação de desenvolvimento, uma vez que estão inseridos no mesmo contexto social de interação constante. Neste momento específico, a adolescência, com todas as características que a acompanham, é um fator presente no avanço psicológico, cognitivo, social e afetivo na vida dos indivíduos estudados.

Bock (2008) nos leva a compreender a importância de considerarmos a faixa etária do grupo, pois, por meio dessa análise, é possível conhecer as características comuns ao coletivo, permitindo-nos reconhecê-los tanto em seu desenvolvimento conjunto, quanto em sua individualidade. Essa ação implica ressaltar o processo evolutivo, não apenas físico, mas

também mental dos indivíduos, visto que essa fase é responsável pela construção do ser, marcada pela transição do crescimento.

O desenvolvimento humano refere-se ao desenvolvimento mental e ao crescimento orgânico. O desenvolvimento mental é uma construção contínua que caracteriza pelo aparecimento gradativo de estruturas mentais. Elas são formas de organização da atividade mental que se vão aperfeiçoando e solidificando até o momento em que todas, estando plenamente desenvolvidas, caracterizarão um estado de equilíbrio superior quanto aos aspectos da inteligência, da vida afetiva e das relações sociais. (Bock, 2008, p. 116).

Numa perspectiva piagetiana, segundo o autor acima citado, a classe etária da turma enquadra-se no processo de desenvolvimento humano correspondente ao quarto período — o operacional formal — que ocorre a partir dos 11 ou 12 anos de idade em diante. Trata-se de uma fase pela qual todos os indivíduos irão passar ao longo de seu percurso individual, incluindo todas as vivências que as situações lhes impõem. Sabe-se que a ênfase nessa transição é marcada por conflitos entre a base adolescente e os apegos que a fase lhe impõe. Traça o início de sua passagem para a fase adulta e todas as novas vivências que o momento em descobrimento os coloca.

Ao apresentar o processo de desenvolvimento humano no cenário descritivo de Piaget, Bock (2008, p. 124) demonstra os aspectos que regem essa trajetória, mais especificamente nas facetas que envolvem o amadurecimento afetivo-emocional que circunda o particular do indivíduo em suas experiências, e o amadurecimento social, numa interação relativa com os demais. Esta fase é claramente composta por conflitos mentais. Trata-se da zona divisória entre o ser humano que deixa a infância e o mesmo ser humano que inicia os passos conflituosos rumo ao mundo adulto. Então, o adolescente neste período: “Deseja libertar-se do adulto, mas ainda depende dele. Deseja ser aceito pelos amigos e pelos adultos”.

Apesar de aparentemente estarem distantes dentro de suas faixas etárias, dispostas na Tabela 01, os educandos estão unidos pelas indecisões e conflitos mentais evolutivos que o momento lhes impõe. Imagine estar com seus colegas, lidando com as preocupações próprias da etapa de crescimento característica da juventude, e, logo em seguida, ser atingido, de forma mais consciente do que o habitual, por todas as mazelas e inquietações que a fase adulta impõe.

O grupo aqui estudado traça seu percurso de crescimento nas vias de influência, não apenas em suas experiências no meio escolar, mas também nas marcas familiares, que são fontes consideráveis de seu desenvolvimento. Ao compreendermos essa relação, podemos

categorizar e conhecer ainda mais as particularidades e os coletivos, tanto sociais escolares quanto sociais familiares, do objeto de estudo: os alunos da escola campo.

Deste modo, ao lançar nosso olhar sobre o contexto de descoberta do indivíduo e sua relação com o meio familiar, pudemos aferir, por meio da pergunta "Você mora com quem?", que a maioria dos estudantes 19 (dezenove) residem com ambos os pais; Cerca de 12 (doze) alunos moram apenas com a mãe, 3(três) educandos convivem exclusivamente com o pai, e apenas dois estão sob a responsabilidade total de seus avós. Isso evidencia a diversidade dos arranjos familiares aos quais o grupo pesquisado pertence.

Ampliando nosso conhecimento sobre o meio familiar que nossos educandos estão, podemos apresentar os dados referentes às profissões de seus responsáveis, o que nos permite uma percepção também do caráter social. Observamos uma predominância de atividades trabalhistas ligadas à força braçal com entonação ao seu valor informal, como agricultores (7), pedreiro (6), ceramista (3), autônomos (3), vaqueiro (2), mecânico (1), gari (1), diarista (1), Mecânico (2), estas primeiras demonstrações informativas revelam a realidade social de trabalho marcada pelo ganho financeiro a base de serviços frequentemente visto como funções direcionadas a classe com baixa escolarização. Profissões como monitora (1), gerente comercial (1) e professora (1), aparecem em menor número. Salientamos que os demais pesquisados não informaram as profissões dos seus responsáveis.

Assim, cada grupo familiar imprime sobre cada aluno, de forma única, suas características, que são construídas ao longo de um processo de interação familiar. Esse envolvimento carrega consigo traços e experiências que reverberam no crescimento educacional, emocional e social do indivíduo. Ao ampliar nossa visão acerca dos grupos de influência pertencentes ao nosso objeto de análise, podemos entendê-los como pontos de referência para o desenvolvimento da pessoa, ao mesmo tempo em que assumem o papel de moldar o particular e social do indivíduo.

O caráter heterogêneo das famílias que inflige suas particularidades em cada ser é discutido neste linear de raciocínio por Jungles (2022), que nos convida a pensar sobre como a diversidade dos núcleos familiares interferem positiva ou negativamente na maturação emocional e social do aluno: "A única peculiaridade é que essas famílias não são as mesmas, não possuem as mesmas composições e não são definidas pelas mesmas características". Cada qual agrega aos seres suas marcas de convivência, atuam como pontos de referência a serem seguidos.

Por isso, ao analisarmos o meio estudado, podemos compreender como essas interações são demonstradas pelos educandos em sua convivência escolar. A postura, a fala, o

comportamento e a maneira como esses indivíduos se apresentam carregam muitos dos efeitos moldados no seio familiar, ajudando-nos a compreender os passos de apoio que lhes servem como referência dentro desse grupo específico.

Os membros da rede de apoio se configuram como referência na vida de um indivíduo, no caso de este ser uma criança ou adolescentes pensamos ser fundamental que se tenha alguém que se possa projetar como referência. Ser referência de alguém requer conhecimento e reconhecimento de outrem, relação de confiança, amizade e respeito. (Bastiani e Trevisol, 2017, p. 162).

São múltiplos os papéis parentais que modulam o desenvolvimento educacional de um indivíduo, faz-se desta forma o entendimento da necessidade da presença e acompanhamento que auxilie o aluno a desenvolver-se com maior propriedade em seu particular e em seu coletivo. Surge neste momento a combinação tripla da escola, família e alunado, que ao longo de suas trajetórias de correlação podem propiciar este crescimento. Assim, poder estar cercado de vivências e pessoas que o possibilitem esta ação, torna-se mão de apoio de grande valia ao corpo discente.

Para Bastiani e Trevisol (2017, p. 165), “A família representa a garantia de sobrevivência, desenvolvimento e proteção aos filhos, e a provedora dos primeiros vínculos sociais, biológicos, afetivos e emocionais”. E, independentemente de sua formação estrutural, é unânime afirmar que a família emprega valores a serem seguidos. Ela oferece um norte em seus feitos e molda os indivíduos ao sabor de suas experiências passadas, de suas feridas presentes e de suas esperanças futuras.

Então, nossos jovens da pesquisa são aqueles que surgem das multiplicidades familiares, que interagem entre si apesar das diferenças de idade, que detêm a vontade de se expressar, o anseio pelo novo, o medo do futuro e o receio de abandonar o passado. São indivíduos que transpiram energia, que exalam o desejo de aparecer e de serem ouvidos. Tratam-se daqueles que, outrora, caminhavam a passos lentos na infância, mas que hoje são atingidos pela imensidão de possibilidades que o mundo lhes oferece.

A transição, o aprendizado e a construção de quem eles realmente são, ocorrerão ao longo do extenso percurso de suas vidas. Cabe entendermos que o “eu” que refletem no agora é apenas o espelhamento de seus “eus” formados pelas suas histórias de vida, pelos registros de influência de seu meio social e pelas marcas deixadas nas suas interações com o outro. Cada um é mais do que um objeto de estudo: é um ser em pleno desenvolvimento, cuja trajetória deve ser considerada e respeitada em sua singularidade.

4 A PALAVRA E SEUS DADOS QUE CONTAM HISTÓRIAS

A presente análise de dados busca contextualizar as percepções que os alunos trazem acerca do uso da palavra como fonte de poder motivador ou desmotivador em seu percurso de vida. Compreendendo os falares que ecoam não apenas no desenvolvimento educacional, mas que também podem ser percebidas em seus espelhamentos de futuro social a qual os educandos estão caminhando. Visto que este ponto inicial, a interação educador e educando, surge como os primeiros passos de construção do aluno a sua inserção de acordo com as influências que o mesmo sofre, em seu traçado social.

Os dados aqui interpretados são oriundos da ação de expressão escrita no formulário impresso que foi entregue durante as rodas de conversa, assim como o poder de manifestação oral durante as conversas com a turma. Revela-se as camadas sutis de demonstração das ações interativas da sala de aula, que por vezes passam despercebidas ao modo de atenção escolar. Percebe-se, que é neste território que a ação de escuta deve ser posta em prática, na procura pela ressignificação do uso da palavra, e que para que isto ocorra, torna-se necessário que cada frase verbalizada pelo educador seja reconhecida como potencial que poderá trazer marcas motivadoras e desmotivadoras.

Para aprofundamento optou-se por realizar a divisão dos trinta e seis alunos (36) para as cinco (5) perguntas realizadas, ou seja, a cada questão analisada, serão dispostas cerca de 7 respostas a serem examinadas em cada qual. Esta estrutura será realizada em subtópicos em que cada pergunta apresentada aos educandos foi avaliada separadamente ou em coletivo, a depender da concordância e similaridade dos enunciados expressos pelos alunos. A presente escolha de análise busca garantir a fidelidade às diversas respostas perceptivas que foram apresentadas, revelando, assim, não apenas o conteúdo do questionário aplicado, mas também a forma distinta e expressiva entre os alunos.

Deste modo, a discussão a seguir busca refletir sobre a importância que a palavra ministrada tem neste momento de vivência escolar. Considerando que os alunos, dentro desse contexto, estão em passagem de amadurecimento, momento marcado pelo processo de evolução emocional, cognitiva e física, o que configura os aspectos de vida dos mesmoS, as indecisões, os sonhos a serem realizados, questionados e transformados.

Observemos o poder da palavra provindos dos educandos em suas pontuações apresentadas, seguindo as respostas ao questionário aplicado.

4.1 Marcos motivadores

“Uma vez uma professora disse que se eu tiver um sonho eu tenho que persistir para conseguir e eu me senti motivado”. (Aluno E).

Os marcos que motivam o processo de ensino e aprendizagem dos educandos circundam os momentos em que estes sentem-se confortáveis ao se expressar, ao externalizar seus discursos de observação de sua realidade escolar. Sendo o personagem que dá existência ao organismo vivo que é a escola, o aluno. Ao se perceber como agente participativo desse meio, toma seu lugar de poder simbólico, de reconhecimento do si, dentro desse processo de educação. Esta percepção, também direciona-se ao poder da palavra emanada pelo educador, e como esta, pode se tornar marco de motivação do desenvolvimento positivo.

Nesta perspectiva, o marco motivador é a voz do professor que encoraja, revigora, valida os esforços dos alunos e reconhece seus valores de conquista. Ligados pela experiência do convívio corriqueiro do seio escolar, o educador assume o papel de equalizador de seu falar, tatua nas conveniências do dia a dia as imagens de sua participação na vida dos educandos, ao mesmo tempo em que auxilia o grupo discente na construção de suas hipóteses de saber a serem exploradas.

Ao analisarmos o primeiro questionamento feito para os educandos: Você se lembra de alguma palavra ou frase dita por um professor que marcou positivamente sua trajetória escolar? Como ela te fez sentir na época? Nos deparamos com 22 respostas de cunho positivo, para tanto, analisaremos as seguintes expressões:

Aluno A: *Uma vez o professor falou que eu sou estudioso e eu fiquei muito orgulhoso de mim mesmo.*

Aluno B: *Uma professora falou que estará orgulhosa da pessoa que vou me tornar se eu continuar estudando.*

Aluno C: *Disse que eu tinha uma inteligência incrível. Eu me senti muito feliz.*

Aluno D: *Sim! Uma professora no quinto ano disse que eu era muito estudioso. Eu me senti muito feliz e motivado.*

Aluno E: *Sim! Uma vez uma professora disse que se eu tiver um sonho eu tenho que persistir para conseguir e eu me senti motivado.*

Aluno F: *O professor falou que eu teria um futuro brilhante. Que eu tinha muito potencial. E eu me senti muito especial.*

Aluno G: *Uma professora certa vez me falou uma frase muito positiva que me fez refletir bastante: “nunca desista dos seus sonhos, pois você pode alcançá-los”. Eu não imaginava que a partir daquele momento eu me veria e perceberia que sou capaz.*

Com base nas expressões dos discentes, pode-se observar como o uso da palavra provindo do educador transmite significado na vida do aluno quando, enfim, a percebemos

como ferramenta. Ferramenta esta, que edifica e decai, que aproxima e distancia, podemos entendê-la como prática que valoriza e amplia a visão experiencial dos alunos, pois o ser profissional, nesta ideia, é aquele que é visto como fonte de verbalizações que transcende seu fazer disciplinar. Através da palavra, que por vezes, pode nos apresentar como utilização simples, mas carrega consigo relações de poder afetivo e emocional de apoio aos traços futuros a serem realizados por aquele grupo discente.

As palavras que motivam o processo de ensino e aprendizagem, surgem desse meio em que o personagem de exemplo, o professor, compreende que sua maneira de conduzir a aula em uso corriqueiro da fala é a força motriz que possibilita os passos iniciais de encorajamento, na ideia de que estes sirvam para reforçar a capacidade evolutiva que já existe nos educandos e que por vezes, estes, reforço positivo só existe no espaço de ensino.

Presumimos que cada um dispõe de uma realidade singular, e que algumas dessas aparecem com pouca influência positiva ao indivíduo. Nesse contexto, a forma como o aluno se percebe no mundo e, como interpretar o mundo, pode ser construída a partir de uma mudança de interpretação sobre si e sobre seu meio, através desse ponto de incentivo vindo do ser docente. Esta disposição fica clara na frase do *Aluno G*: “Uma professora certa vez me falou uma frase muito positiva que me fez refletir bastante: “nunca desista dos seus sonhos, pois você pode alcançá-los.”. “Eu não imaginava que a partir daquele momento eu me veria e perceberia que sou capa”. Observemos o poder das nove palavras proferidas e a mudança perceptiva do ser em formação e de sua compreensão de si.

Ao criar a noção de seu poder de sua oralidade, o educador fortalece as características identitárias de seus alunos, visto que, o grupo estudantil procura firmar suas possíveis perspectivas de vida em um ponto fixo. Estes alunos, ainda estão seguindo o caminho pelo seu próprio reconhecimento individual, buscam na figura proeminente de sua relação escolar, apoio a sua trajetória de vida. Marco que legitima os passos de seu futuro, bem como, o apoio primário aos sonhos a serem construídos, as realidades a serem modificadas e todas as possibilidades que podem surgir de um único ponto de fé, a voz do educador.

Segundo Olívia (2003), apud Xavier e Nunes (2025, p. 60), afirma que “O adolescente terá que delinear a imagem que tem de si mesmo; adotar alguns compromissos de caráter religioso, escolher uma profissão, definir sua orientação sexual, optar por um estilo de vida e de relações; assumir valores”. Essas mudanças de perspectivas são frequentemente moldadas ao sabor das influências, dentre estas, a palavra do educador, aparece com mais uma peça desse quebra cabeça em formação, que é o adolescente.

É preciso considerar que durante a adolescência, se ampliam os contextos nos quais os jovens participam e assumem novos papéis. Cada um terá importância e proporcionará informações ao adolescente sobre sua imagem. Os pais podem pedir obediência, respeito e amabilidade; os amigos lealdade ou amizade; o par carinho, desejo e compromisso; a escola esforço e disciplina. (Xavier e Nunes, 2015, p. 60).

Ou seja, cada palavra que possa surgir daqueles que acompanham essa transição é essencial, e participam do processo de reconhecimento do “Eu” aluno, do “Eu” adolescente, do “adulto”. Este mesmo eu que existe e se mostra racional aos movimentos que o atingem. Considera-se que a voz do profissional deve atender às perspectivas adequadas a essa vivência, sendo o professor um dos moduladores de decisões precisas para o novo percurso de vida do indivíduo e sua formação.

Guida et. al (2024, p. 11) apresenta: “Estudos mostram que na adolescência ocorrem as transformações mais significativas da identidade. Os adolescentes tornam-se mais preocupados com sua formação, tornando-se mais conscientes, devido a maturação biológica e cognitiva em conjunto às questões sociais, é um período em que constrói sua identidade”. Para que esta ação seja concretizada, faz-se necessário ressaltar a importância de uma palavra que enalteça e estimule os educandos a um aprendizado que faça sentido em sua vida escolar e social. Ao passo que o indivíduo possa se compreender e ao mesmo tempo questionar que tipo de aluno/pessoa ele está se tornando.

O reconhecimento e fortalecimento desse “Eu” que busca alicerçar sua identidade, dentro da motivação verbalizada é facilmente percebida na maioria das respostas: **Aluno A:** “Uma vez o professor falou que eu sou estudioso e eu fiquei muito orgulhoso de mim mesmo”. **Aluno B:** “Uma professora falou que estará orgulhosa da pessoa que vou me tornar se eu continuar estudando”. Em acordo com essa expressão, Xavier e Nunes (2015, p. 61) refletem: “A identidade vai incluir as normas dos grupos nos quais o adolescente se integra; os valores que interioriza; sua ideologia pessoal e os compromissos que assume, e vai recolher as experiências do passado, para dar significado ao presente e dirigir sua conduta futura”.

Ao ingressarmos na profissão docente, podemos considerar que essa área não implica apenas na realização metódica de conteúdos preestabelecidos. Torna-se imprescindível compreender que a prática educacional, especialmente direcionada ao seu poder de voz, também envolve relações humanas, o que aproxima o profissional da ação de acolhimento efetivo necessária no contato com o corpo discente. **Aluno C:** “Disse que eu tinha uma inteligência incrível. Eu me senti muito feliz”. Isto reflete e reverbera nas mudanças que possivelmente podem surgir levando em consideração sua influência nas emoções e sentimentos que se correlacionam no momento da aprendizagem.

Em sua obra *Professora sim, tia não*, Paulo Freire (1997) aborda a atuação profissional que emerge não apenas das atividades que regem a profissão. Ser professor, segundo o autor, é uma função de prestígio que, embora esteja submetida a regras normativas, não deve negligenciar a afetividade humana indispensável à convivência relacional em sala de aula. Fica evidente que o processo afetivo através da fala é estabelecido pelo educador e precisa estar acompanhado de uma postura profissional respeitosa que atribua valor significativo ao seu fazer profissional.

Sendo assim, são fundamentais os passos que iniciam toda a trajetória de desenvolvimento do educando, ao ser atingido pela potência de voz do agente educativo: *Aluno F*: “*O professor falou que eu teria um futuro brilhante. Que eu tinha muito potencial. E eu me senti muito especial*”. Na perspectiva de que esse caminhar de transição do ser adolescente ao ser adulto, altruísta, competente e racional, não se dá de forma solitária, mas dentro da compreensão de que esse percurso de aprendizado do aluno ocorre sob influência do docente, nos convívios e experiências que interagem, fortalecem, respeitam e motivam uma relação mais concreta.

4.2 Marcos desmotivadores

“Um ou dois professores falaram que eu não ia ser nada na vida. Isso me deixou muito desmotivada para continuar estudando. Eu tinha desistido do meu sonho, fiquei triste e com um pouco de raiva”. (Aluna C.).

Admite-se a importância de perceber o educando como peça fundamental do processo de ensino e aprendizagem, na ideia de que o mesmo não está inserido naquele ambiente como espectador passivo das ações docentes que refletem de maneira concreta em seu processo de ensino e aprendizagem. Sendo assim, despertar a noção de que a palavra enunciada parte da ideia de reconhecimento desta, como instrumento metodológico do momento e assim como outras ações humanas, essa também pode ser carregada consigo o peso dos malfeitos, das incertezas e inseguranças que sua má utilização pode abarcar.

Através das percepções particulares dos alunos, torna-se possível compreender o desejo de se expressar e de se fazer entendível quanto a maneira como enxergam espontaneamente e criticamente o poder da fala que conduz os passos de seu ensino. Neste contexto, a linguagem deixa de ser mais um mero canal de comunicação de transmissão de conteúdos disciplinares e passa a assumir um papel de exprimir um olhar mais sensível aos seus malefícios.

Observemos o segundo questionamento que levantou a seguintes respostas: Já vivenciou alguma situação em que as palavras de um(a) professor(a) te fizeram sentir desmotivado(a) ou incapaz? Como isso afetou sua aprendizagem?

Aluna A: *Sim! No sétimo ano o professor falou para mim que eu não ia ser nada na vida e que eu não ia passar de uma dona de casa. Eu me senti triste e desmotivada.*

Aluna B: *Sim! Disseram que eu não teria futuro nenhum por ter me casado nova. Isso me deixou muito mal.*

Aluna C: *Um ou dois professores falaram que eu não ia ser nada na vida. Isso me deixou muito desmotivada para continuar estudando. Eu tinha desistido do meu sonho, fiquei triste e com um pouco de raiva.*

Aluno D: *Uma vez uma professora falou que eu não ia conseguir ser o que eu queria e mandou eu continuar apenas sonhando. Eu me senti triste.*

Aluno E: *Uma vez eu perguntei à professora como era ser professor. Aí ela me disse umas coisas, aí eu disse a ela que eu queria ser e ela disse que eu do jeito que era não iria conseguir.*

Aluno F: *Sim! Uma vez no segundo ano tive uma professora muito sem paciência ela gritava comigo até que uma vez ela me empurrou. Com medo não quis mais ir para a escola.*

Aluno G: *O professor falou que eu não teria futuro. Iria ser só um noiado.*

Cabe trazer um apontamento neste momento de análise. O formulário, como já foi explicado na metodologia, foi aplicado para Trinta e seis (36) alunos, desses, dezessete (17) relataram não se lembrar ou não ter passado por essa experiência; doze (12) alunos citaram em suas falas a mesma expressão dita por profissionais de educação: “Você nunca vai ser nada na vida”. Algumas dessas expressões já foram dispostas acima, entretanto, acredito ser importante a apresentação das demais, uma vez que todas, apesar de possuírem o mesmo tom, trazem consigo a força de suas vocalizações. Divididos em três linhas de percepção: o eu, o outro e o nós.

O eu:

Aluno H: *Você nunca vai ser nada na vida. Isso me afetou muito, fiquei muito mal (nome do professor).*

Aluno I: *Você nunca será nada na vida (nome do professor).*

Estas respostas evidenciam como a expressividade vocabular do educador pode ocasionar impactos negativos na constituição do estudante, revelando que esta orientação verbal, não está distante dos ecos que propagam a insegurança, que dissemina o mal-estar e repreende o desenvolvimento sadio necessário ao educando. Ao verbalizar frases que desmoram ao invés de edificar, o profissional desconsidera o fator de existência do educando naquele ambiente. Revela que o seu falar é direcionado ao apagamento existencial do aluno.

Mais uma vez o “eu” que se expressa e pede a vez, aparece no demonstrativo participante, o espectador de sua própria existência e das influências que marcam, aquele que por vezes é silenciado e desconsiderado. A partir do momento que esse reconhecimento perpassa o simples fato da permanência física do aluno em sala de aula, pode-se atribuir significado às relações interativas promovidas pelo uso do verbo que comunica e dá sentido aos seres. Para isso, Freire (1967, p. 48), reflete:

Existir ultrapassa viver porque é mais do que estar no mundo. É estar nele e com ele. E é essa capacidade ou possibilidade de ligação comunicativa do existente com o mundo objetivo, contida na própria etimologia da palavra, que incorpora ao existir o sentido de criticidade que não há no simples viver. Transcender, discernir, dialogar (comunicar e participar) são exclusividades do existir.

O “eu” aluno deve ser considerado como marco de importância deste feito, evidencia práticas verbais que ganham entoação que desprestigiam o engrandecimento do educando, e mais ainda o próprio ser docente, pois quando o profissional assume a responsabilidade oral de desmotivar e depreciar a potencialidade existente no aluno, ele descredibiliza todas as suas atribuições formativas adquiridas em seu percurso, enquanto agente de orientação de vida.

Comprendemos que determinadas ações, sejam físicas ou abstratas, deixam marcas no processo de desenvolvimento de nós, seres humanos. Os aspectos do desenvolvimento, especialmente no que diz respeito à evolução afetiva e social, mostram que, por vezes, os indivíduos atribuem a característica intangível da palavra. Justificando-a para desmerecer a correlação de força que ela possui. Ainda que invisivelmente visível, a palavra e sua profetização agridem ou exaltam aqueles que são atingidos por ela.

Sendo assim, não há como passar despercebido a resposta do **Aluno F**: *“Sim! Uma vez no segundo ano tive uma professora muito sem paciência ela gritava comigo até que uma vez ela me empurrou. Com medo não quis mais ir para a escola”*. Este relato vem de um aluno autista de quatorze anos, nível dois de suporte com sensibilidade ao som e baixa interação social. Possui uma escrita bem desenvolvida e, segundo o educador presente, consegue realizar com maestria a maioria das atividades propostas.

Agora, vejamos como sua mente ainda o remete a essa situação exposta. A passagem do tempo e sua pouca idade na época do ocorrido não o separou psicologicamente do que houve. O tempo nem sempre cura, mas sim, reflete aquilo que já tratamos nesta produção, a continuidade responsiva da palavra, e neste caso ações físicas que se juntam em um combo de prejuízos que serão levados, a depender da mentalidade do ser, por toda a trajetória de memória humana.

Mantoan (2003), ao tratar da inclusão de alunos com deficiência nos espaços escolares e das metodologias aplicadas, afirma que essa ação não deve se limitar à presença física do aluno na escola, mas deve envolver uma reformulação adaptativa do atendimento adequado desses estudantes nos ambientes de ensino, nas práticas e metodologias que lhes são oferecidas, assim como na compreensão assertiva de sua real participação em sala de aula, para que não sejam prejudicados pela má assistência das entidades responsáveis pela manutenção segura das suas vivências escolares.

Mudar o jeito de pensar o aluno naquele ambiente, principalmente o seu modo de falar perante um aluno com deficiência, é primordial para que se haja um novo contato, mais forte e enriquecedor e sensível à realidade daquele indivíduo. Desse modo, esta correlação permitirá a construção de um elo motivador entre professor e aluno, pois um educador com propriedade e sabedoria é de total relevância no auxílio à integração entre o alunado e a reprodução contínua eficaz da educação.

O outro:

Aluno J: *Sim! Eu já vivenciei um professor falando que um colega não ia ser nada vida.*

Aluno K: *Sim! Uma professora falou que meu colega não ia conseguir os seus objetivos.*

Aluno L: *Sim! Já fizeram o meu colega se sentir incapaz dizendo que ele não ia ser nada na vida.*

Nesta ideia, o aluno não existe apenas em seu particular, mas coexiste com o meio. Sendo dotado de sua capacidade de observar, por vezes, silenciosamente, mas que esta ação é gritante em seu interior. Testemunhar a normalização do recurso oratório que deslegitima a participação de todo o grupo discente, é o mesmo que estar numa competição de arco e flecha de palavras mal escolhidas, em que seu alvo não é único, mas sim, múltiplo. Tendo como área de competição a sala de aula e os demais participantes do grupo estudantil como espectadores do ataque psicológico exercido.

Xavier e Nunes (2015, p. 62), apontam que o convívio social durante esta fase de adolescência é de grande valia, visto que é o momento em que o ser integra-se com seus demais. Constituindo assim, mas uma fonte de influência, por estarem juntos nessa jornada. “A sociabilidade do adolescente vai afirmar-se efetivamente no contato dos jovens entre si. Neste sentido, os adolescentes se integram aos grupos e os tomam como fortaleza na constituição de suas identidades”.

Podemos entender, que ao presenciar situações mal conduzidas, o outro, atua como um espelho, que reflete sobre aquele que ver o ato da palavra dita de modo penoso e dolorido pelo

educador, e, assim, participa visualmente, e também é atingido por aquela circunstância. Portanto, a voz que supostamente deveria ser um meio de transmissão de saber com gestos e ações de fortalecimento estudantil, se torna aquela que fere, afasta e destrói.

O nós:

Aluno M: *Sim! Uma professora falou que não seríamos nada!*

Aluno N: *O professor falou que eu e meus colegas de sala não ia ser ninguém na vida.*

Aluno O: *Sim! De um professor que falou que nós não ia ser nada.*

O indivíduo em aprendizagem é participante visual e auditivo das convivências escolares, estando ele indissociado do poder coletivo de compreensão de sua situação, muito menos é inexistente as percepções daqueles que estão em seu entorno. O grupo discente, percebe em conjunto que o discurso verbal docente tende a prestar um desserviço ao seu processo de ensino e aprendizagem, sendo ela, a palavra, instrumento que deveria servir de alicerce a uma educação que não minimize o seu potencial evolutivo.

Percebemos, assim, que não é apenas o “eu” particular do aluno que sofre com as más escolhas de expressões verbais dispostas, mas um grupo de indivíduos, os quais são direcionados, com intencionalmente ou não, entonações capazes de serem recebidas como ato de desprestígio que fragiliza, em efeito dominó, o coletivo pertencente a aquele momento. Assume-se com isso, o valor de entendimento que percebe os alunos como pessoas inseridas em relação racional, na qual, cada verbete externalizado não atinge unicamente um sujeito, mas todo o coletivo.

Neste cenário, o professor surge em um papel de maior delicadeza, pois sua presença não é uma mera participação de única função, visto que, sua figura representa-se como agente formador na trajetória do aluno. É compreensível, a constituição do profissional não apenas como aquele que transmite conteúdo pronto, mas também que se percebe como referência simbólica, de cuidado e estímulo, buscando a fuga de sua representatividade negativa. Complementando esta ideia Mizziara, Bitencourt e Abreu (2006, p. 13) ressaltam:

O que convém lembrar é que infelizmente o tão sonhado professor ideal não existe. É natural que tenha ocorrido a muitos pesquisar como deve ser o professor ideal; destes estudos emergem traços e condutas desejáveis, mas também se conclui que há muitas maneiras de ser um bom professor, de manter um bom relacionamento com os alunos e de influenciá-los de maneira positiva.

Presumimos que algumas vezes os educadores desconhecem o valor de sua oratória de uma forma que esta abarque não só o conteúdo pré-programado de sua disciplina, mas

também que o mesmo considere a interação vocabular entre ele e o grupo discente, para o apuramento de sua compreensão de que o aluno seja percebido como aqueles que estão atentos não só no fazer didático das tarefas do dia a dia, mas também como seres que empregam seu olhar na forma como o professor os trata durante esse processo.

Dessa forma, é importante compreendermos que o discurso do educador deve abranger um conjunto de atitudes que respeite, compreenda e considere as experiências vivenciadas pelos educandos, para que seus aprendizados não sejam meramente ilustrativos, mas, efetivamente, concretizados por meio de um compromisso consciente que sua fala reproduz. Portanto, cada palavra vinda do profissional carrega consigo a possibilidade de afetar os rumos de suas vivências e experiências ocorridas no presente que ressoa no futuro.

4.3 O tom e a forma

“Sim. Eles falam com uma certa agressividade no tom de voz porque acham que o professor tem autoridade na sala”. (Aluno G).

A intencionalidade de questionar: Na sua opinião, o tom de voz e a forma como o (a) professor(a) se comunica influenciam seu interesse em aprender? Por que?, parte da intenção de investigar os aspectos subjetivos de utilização da palavra, como o tom de voz. Em um primeiro momento pode aparentar algo simplório, que não merece o valor de importância, entretanto, todas as partes que compõem essa situação comunicativa, devem ser consideradas e compreendidas como elementos chaves da ação educativa.

Toda forma de tonalidade verbal possui uma finalidade, uma intencionalidade, por mais que esta não seja vista como agente de malefício ou benefício dentro das atividades humanas, mas é imprescindível reconhecer seu ponto de relevância durante a sua usabilidade e seu impacto direto na construção do aprendizado, da relação professor aluno e, principalmente, o alcance emocional do modo como o sujeito recebe, percebe e interpreta essa entonação.

Refletamos sobre as respostas apresentadas:

Aluno A: *Sim, influencia no interesse na hora de aprender e na comunicação entre o professor e o aluno. E principalmente a maioria das vezes é sem precisão e faz com que perdemos a vontade de estudar e prestar atenção.*

Aluno B: *Sim e muito. Já que o jeito das palavras também pode ajudar ou atrapalhar, como em casos de professores que fazem muitos alunos entenderem e aprenderem muito bem.*

De maneira gradativa, iniciamos analisando os apontamentos feitos pelos alunos A e B, que nos revelam observações voltadas a maneira como o professor se expressa verbalmente e as possíveis consequências dessa fala em seus processos de aprendizagem. Souza e Bezerra (2018), argumentam sobre esse lugar de importância que o professor se enquadra durante o ato de aprender, para que as manifestações do possível desencanto com a profissão, que é exibido pela fala, não ocasione o desinteresse de aprender.

Sendo assim, os alunos entenderão que a aprendizagem daqueles conteúdos, ou da disciplina como um todo, não é essencial para sua formação. Isso conseqüentemente irá gerar falta de motivação para a aprendizagem, e, como uma bola de neve, irá tornar o trabalho do professor cada vez mais difícil, pois o combustível para a aprendizagem é a motivação. (Souza e Bezerra, 2018, p. 04).

É imprescindível se atentar no poder da palavra sobre os alunos, de uma maneira que estes possam sentir que fazem parte de seu ensino, na ideia de que o professor necessita se munir de ações que permitam que estes sintam-se confortáveis em estar em sala de aula e permanecer nela, pois ao distanciar-se desse ideal, o educador se coloca no posicionamento de uma educação que desconsidera o seu valor motivacional, que deixa o discente ao sabor da força de expressão do discente, bem como imprimir apenas sua voz ativa no conceito de que esta é a única e esclarecedora de toda e qualquer dúvida que possa surgir.

Assim, o profissional de educação, coloca de lado seu repertório de paciência e emprega a sua atividade laboral de forma impositiva, valendo-se de seu poder de fala e sem que se considere o educando como personagem principal daquela ação educativa. Sobre esta questão pode-se citar Luckesi (1994, p. 57), que apresenta o seguinte posicionamento:

Predomina a autoridade do professor que exige atitude receptiva dos alunos e impede qualquer comunicação entre eles no decorrer da aula. O professor transmite o conteúdo na forma de verdade a ser absorvida; em consequência, a disciplina imposta é o meio mais eficaz para assegurar a atenção e o silêncio.

Esta questão de autoridade é demonstrada nas respostas dos alunos:

Aluno C: *A forma de comunicação é de tamanha importância quando usada um tom agressivo o aluno pode acabar sentindo-se oprimido, assim causando uma influência negativa.*

Aluno D: *Sim, principalmente se o tom de voz for agressivo. Geralmente se a voz for mais pacífica e calma aumenta a confiança entre alunos e professor.*

Aluno E: *Sim. Eles falam com uma certa agressividade no tom de voz porque acham que o professor tem autoridade na sala.*

Tais apontamentos nos levam a interpretar que a percepção sensível dos educandos acerca da tonalidade verbal do educador, faz com que os mesmos a adjetivem a palavra como “agressiva”. Torna-se nítido o reconhecimento da forma verbal empregada pelo ser docente, ainda que a tentativa de manter a ordem dentro da sala de aula e impor o respeito necessário, possa gerar um efeito contrário ao que é almejado, visto que, ao invés de promover a disciplina escolar, acaba por causar desconforto e retraimento do grupo discente.

Por outro lado, não devemos trazer a construção de um educador permissivo, que se perca no descontrole de uma sala de aula. Mas sim, da compreensão de que haja um reconhecimento do poder de uma palavra que se torne entendível, adequada e equilibrada a essa parte que compete aos profissionais, sua regência de sala de aula. Essa questão também é uma visão reflexiva do **Aluno F**: “*Percebe-se que o professor tem um tom de voz para se comunicar adequadamente, mas se os alunos ficam fazendo bagunça ele pode alterar o tom de voz, Sim*”. Miziara et. al. (2006, p. 11), complementam:

A disciplina constitui preocupação permanente dos educadores e diz respeito a todos os elementos envolvidos com o fazer pedagógico, no entanto, quando os educadores se referem ao problema, normalmente o direcionam a algo que diz respeito somente ao aluno e isso contribui pouco para a compreensão dessa discussão. Sem o mínimo de disciplina o trabalho escolar não pode alcançar as suas finalidades.

Freire (1997, p.38) acrescenta a esta explanação a diferença entre autoridade como ação de manutenção ordeira dos alunos diante da figura do mestre educador, e autoritarismo como a imposição a obediência desta figura educacional em sala de aula. Mesma observação realizada pelo **Aluno G**: “*Sim, porque às vezes a forma de falar pode magoar*”. e ainda ressaltada pela seguinte passagem “*Mas é preciso juntar à humildade com que a professora atua e se relaciona com seus alunos, uma outra qualidade, a amorosidade, sem a qual seu trabalho perde o significado. E amorosidade não apenas aos alunos, mas ao próprio processo de ensinar*”; para que desta maneira, possamos ao menos diminuir as influências mal ditas das colocações.

4.4 A arte da escuta com respeito

“*Sinto que os professores que querem dar aula, eles têm que escutar mais os alunos. Porque se o professor não escuta a gente eles não são professores. Professor têm que escutar os aluno*”. (Aluno G).

A organização educacional é calcada por pilares que estão sempre a disposição de novas modificações, ou seja, são suscetíveis a mudanças e influências conforme o passar do

tempo. Essa organização interativa clama por novos jeitos de perceber o aluno, sendo uma dessas formas a ação de escuta da palavra que aparece do educando. Atribui-se desta maneira a figura de um professor que possa explorar este vasto campo educacional, para que o mesmo possa propiciar e mobilizar uma gama de recursos de fontes expressivas de saberes e informações que trará benefícios para o ambiente escolar.

Para que possamos refletir sobre essa dinâmica de escuta, levantamos os seguintes apontamentos: Você sente que seus professores costumam te ouvir com atenção e respeito? Como essa escuta (ou a ausência dela) impacta sua vontade de participar das aulas?

Aluno A: *Sim. Muitas vezes acabamos conversando melhor com os professores.*

Aluno B: *Sim, os professores sempre são bem solícitos em relação a opinião dos alunos.*

Aluno C: *Sim meus professores costumam ouvir com atenção e respeito, me sinto muito feliz quando eles me escutam.*

Aluno D: *Sim, porque nós temos o direito de falar nossa opinião.*

Aluno E: *Não, eu gostaria que eles guardassem um pouco de tempo para conversar comigo.*

Aluno F: *Não, em muitas coisas, porque não adianta só estudar o professor também tem que escutar os alunos*

Aluno G: *Sinto que os professores que querem dar aula, eles têm que escutar mais os alunos. Porque se o professor não escuta a gente eles não são professores. Professor têm que escutar os alunos.*

Muitos profissionais de educação não conseguem construir um ambiente harmonioso de escuta proveitosa, pois estão inteiramente ligados a mera reprodução de seus conteúdos. Desta forma não se permite abrir espaço de diálogo para que haja um maior vínculo, onde este possa servir até mesmo como fonte auxiliadora do desenvolvimento de suas práticas educacionais. Acabam assim, por se distanciar daqueles que deveriam estar mais próximos dele. Lajonquière (2011, p. 852) nos traz a observação sobre esse aspecto:

Pois, no professar, alguém fala, enquanto outros escutam. O primeiro é mestre, falante, e os segundos são discípulos, mudos, porém nada surdos. O mestre é sujeito de um discurso, enquanto todo discípulo é aquele que, num primeiro momento, é, em certo sentido, infans – privado da palavra ou da implicação inerente à fala no seio do discurso.

Neste pensar é de total necessidade, perceber que o alunado juvenil carece também de uma atenção auditiva, para que não sinta-se excluído ou usado apenas como depósito vazio para informações que o professor julga ser importante para aquele indivíduo. Com as respostas apresentadas podemos assimilar ainda mais essa questão coletiva que demonstra a ansiedade de serem ouvidos, ao mesmo tempo em que externalizam a importância atribuída por eles mesmo dentro desse momento em que sentem-se à vontade para se expressarem.

Oliveira (2014, p.05), assim como demais autores colocam o professor como mediador, e dentro desta ação mediadora é cabível a reflexão de troca de palavras, para que não haja a unilateralidade do ensino e da aprendizagem. Fato que agrega uma ligação mais afetuosa ao ambiente escolar e possibilita a abertura pacífica na troca experiências de mundo. Como o autor afirma: “É importante o professor conhecer o mundo do aluno para dar significado à sua prática educativa. Pois a realização desta se dá quando existe o processo de compreensão do professor-aluno, aluno-professor”.

Fugindo da ideia que visualiza o educador como a fonte única detentora do saber, fazendo-se perceber um fator importantíssimo, que é, a grande capacidade que o aluno inerentemente possui que é, o falar que pode ser ouvido, a verbalização da palavra que deve ser levada em consideração, pois este aluno é aquele que deve ser conduzido ao questionar. Segundo Cury (2003, apud. Oliveira, 2014) “o professor não mais é persuasivo, ou o que convence, mas o que provoca e estimula a inteligência”. Levando sempre em consideração o poder da palavra que o educador possui na hora de ajudar o alunado a se constituírem como seres independentes de raciocínio e colaboradores eficientes de uma sociedade em desenvolvimento.

Perpetuar o gosto pelo aprender é essencial na prática educacional constante, é uma tarefa árdua que os educadores tentam realizar. Por isso, é sensível que possamos perceber que no meio de todas essas questões que norteiam a temática trabalhada, não desmerecemos a figura proeminente de grande valor, importância e significado do meio educacional. Por outro lado, queremos a escuta da palavra, e o ampliamiento perceptivo por parte do educador de que o seu fazer profissional, apesar de todas as sobrecargas que existem, é o ponto de partida da vida de alguém.

Assim, ceder a vez de fala no momento de ensino, não significa apagar a voz que vem do professor, mas reconhecer que, sim, meu aluno possui capacidade de expressão de seus saberes. E dentro desses saberes está a sua percepção, a sua vontade de se fazer entendido, ouvido e observado. Como nos lembra Paulo Freire (2014, p. 35), “Todo saber humano traz em si o testemunho do novo saber. Todo saber traz consigo sua própria superação”. Não como a ferramenta do julgamento, mas com o instrumento de compartilhamento de ideias, pois nesse meio, a diversidade de pensar deve ser vista em sua total maestria expressiva.

4.5 A palavra que se expressa

“Sim, se ele soubessem como as palavras influenciam o comportamento e a confiança, eles pensariam mais antes de falar algo que ferisse”. (Aluno F).

A utilização da percepção da palavra surge para reafirmar com propriedade que o aluno, de fato, está colocando sua visão sobre a forma como o professor apresenta-se verbalmente em seu ensino, na qual esta ação de entendimento não se dá apenas pela uso de materiais didáticos, das metodologias de ensino, das diversas disciplinas aplicadas, mais também é vista na influência da fala, pelo jeito que o educador trata seu grupo estudantil. Levando em consideração a relação dialógica entre professor aluno e suas possibilidades de contribuição, a partir do momento em que o aluno é considerado aquele que existe e percebe de forma real os trâmites vocais dispostos pelos educadores.

Com isso, analisemos a próxima questão e suas respostas: O que você gostaria que seus professores soubessem sobre como suas palavras impactam seus sentimentos e sua confiança em sala de aula:

Aluno A: *Acho que seria “mó” massa poder falar com os professores com confiança.*

Aluno B: *É que, tipo! Do jeito que eles falam comigo só me dá menos vontade de estudar. E tudo isso me desmotiva muito no estudo.*

Aluno C: *Podem prestar mais atenção no que nós falamos e concordar com nossas ideias.*

Aluno D: *Eu queria que os professores tratassem os alunos como se fossem filhos e escutar mais os alunos.*

Aluno E: *Gostaria que soubessem que usar um tom amigável e agir de forma suave traria um progresso significativo no seu trabalho.*

Aluno F: *Sim, se eles soubessem como as palavras influenciam o comportamento e a confiança eles pensariam mais antes de falar algo que ferisse.*

Aluno G: *Eu gostaria que os professores falassem melhor com a gente...que algumas palavras são pesadas.*

Percebemos com isso, que os educandos trazem seus posicionamentos, apresentando o porquê de suas respostas, assim, podemos vislumbrar o que os mesmos almejam em seu processo de ensino e aprendizagem e sua visão crítica e reflexiva sobre a maneira oralizada que seu educador utiliza. Quando analisamos as respostas podemos ainda acender a explanação sobre “o sentir”, a ênfase na necessidade afetiva que tantos buscam, que por vezes não recebem em seus lares.

Ao externalizar sua vontade com a frase: *“Eu queria que os professores tratassem os alunos como se fossem filhos e escutar mais os alunos”*, o aluno não está pedindo por mais tarefas de casa, por mais conteúdos disciplinares, por gritos de ordem, mas sim, por uma

visualização, um “Olha! eu estou aqui”, e por mais que você professor, esteja cansado, estressado, fatigado, sobrecarregado, tudo o que seu aluno quer é talvez, um bom dia com afeto, ou um “que bom que você está aqui hoje”, ou quem sabe “ Vamos conversar um pouco sobre vocês hoje”. Assim, Freire (2014, p. 114) acrescenta sobre a razão de motivar dentro da ação do falar do educador:

Quem tem o que dizer deve assumir o dever de motivar, de desafiar quem escuta, no sentido de que, quem escuta diga, fale, responda. É intolerável o direito que se dá a si mesmo o educador autoritário de comportar-se como o proprietário da verdade de que se apossa e do tempo para discorrer sobre ela.

Com as respostas, podemos notar o pedido coletivo pela escuta com atenção e o polimento vocabular das palavras, agregando-as ao afeto. Os educandos expressam-se pelo desejo de serem ouvidos, de terem suas respostas acolhidas com o devido respeito que merecem, e que o modo de comunicação profissional venha carregado de apreço, pois quando o aluno diz: “Podem prestar mais atenção no que nós falamos e concordar com nossas ideias”, ele não se coloca em seu valor unitário, ele se torna membro de representação de um todo, uma vez que, o falar docente, pode até ser direcionado a um alvo específico, mas como bem visto, respinga em todos a sua volta.

Sendo assim, as vozes dos alunos destacam a necessidade de desatar-se das velhas práticas vocais que silenciam e desmerecem a força de expressão do aluno. Pede-se o reconhecimento do estudante como aquele que se reinventa, que não é e não será o mesmo durante todo o seu desenvolvimento de aprendizagem, que não é mais passivo, que agora é aquele que reflete sobre suas vontades: “*Gostaria que soubessem que usar um tom amigável e agir de forma suave traria um progresso significativo no seu trabalho*”. Veja bem, essa resposta, não se remete apenas ao “eu aluno”, não apenas ao “outro”, ou “o nós” enquanto estudantes, é também o professor dentro desse processo. O estudante percebe que a boa usabilidade da palavra pode ser motivação de melhoramento do próprio ser educador. O conjunto, que em plenitude de trabalho, coopera dentro dessa relação e os envolve como um organismo único e vivo, que para crescer necessita de cuidado.

O que nos remete à fala de Oliveira (2014, p. 04):

Hoje, não se pede um professor que seja mero transmissor de informações, ou que aprende no ambiente acadêmico o que vai ser ensinado aos alunos, mas um professor que produza o conhecimento em sintonia com o aluno. Não é suficiente que ele saiba o conteúdo de sua disciplina. Ele precisa não só interagir com outras disciplinas, como também conhecer o aluno.

Reconhecer o caráter construtivo da palavra, é o mesmo que desenha-la, não com os floreios falsificados e artificiais que trazem insignificância ao momento comunicativo, mas sim, é enxergar nela o peso do pedido “Eu gostaria que os professores falassem melhor com a gente...que algumas palavras são pesadas”; reafirmando o aluno como ente de participação, aquele que almeja não apenas o aprender, por aprender, ou ser ouvido apenas nas respostas que o educador diz ser certa, ou errada, mas é abrir espaço para a fuga dos malefícios que o uso verbal pode causar, é abrir espaço para dar vez e voz de falar dos educandos.

Este conjunto de respostas, nos leva a considerar a responsabilidade ética que o profissional de educação dentro de seu exercício pleno possui com o uso de sua linguagem. A palavra, não é pedra fixa na temporalidade da ação, ela é viva. É a semente que floresce não só na mente humana, mas também no coração. É motivo de guerra e de conquistas, edifica e decai, é erva daninha que percorre a sala de aula e se alimenta dos sonhos e vontades, é aquela que professa a vinda da salvação, e a morte em sua má utilização.

Talvez, a presente produção, seja aos olhos de quem ler, um mar de utopias, e transpareça dentro das múltiplas interpretações que o ser humano possa trazer, ser compreendida por alguém como a visão de uma pessoa que nunca vivenciou a sala de aula de fato. Oras! Não somos nós, futuros educadores os mesmos seres confusos, inquietos, atrevidos e desbocados que outrora fomos chamados de alunos? Então, como podemos não ser capazes de levantarmos nossas impressões e questionamentos se já estivemos do lado de lá da educação?

Educadores que atuam nas escolas acabam por se distanciar dos seus alunos, não criando vínculos com os mesmos, não se dando conta da importância de sua presença verbal na vida destes. Essa presença é carregada de significações, é intensa e de suma importância para que aquele indivíduo sinta que não é apenas mais um ocupante de uma cadeira em uma sala de aula, mas que ele possa sentir-se parte fundamental daquele ambiente, como ser que age, aprende e colabora com sua própria vida escolar, fazendo-se perceber na intensa participação de influência que a palavra do educador, em sua jornada, possa lhe ofertar.

Deste modo, o que leva um profissional que já esteve dentro do meio escolar, como aluno, a achar que ao ingressar em sua vida laboral, irá encontrar um público único, tranquilo, que escuta, absorve e replica? Criar um ambiente utópico do comportamento estudantil, enquanto educador, só confirma a ideia da construção do aluno como alheio a sua realidade. Ser professor, é ser aluno, é a junção de um processo de vida que contabiliza anos de influências de sala aula. Então, por que dar continuidade ao desfavorecimento do falar, da

palavra, da expressão e de todo o seu poder, quando um dia já estivemos neste mesmo local que ansiava pelo acolhimento, escuta e respeito?

Recordar-se de seu papel de aluno, enquanto no hoje é professor, é reconhecer o potencial de experiência de vida, é reconhecer o valor das vivências físicas e das abstratas palavras que, conseqüentemente, repercutem nos mais de duzentos dias letivos, e em mais ou menos doze anos de formação educacional em sala de aula. Foram horas de conflitos, dias de alegrias e anos de buscas, ouvindo os sabores e dissabores da profética fala de todos os professores que motivaram e desmotivaram o nosso processo de ensino e aprendizagem.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS: A FINALIDADE DE UM COMEÇO

Durante o caminhar escolar, o educando depara-se com várias influências que os seguirão por um longo período de tempo; amigos, familiares, situações particulares e logicamente a presença instrutiva do profissional de educação. Cada qual marca simbolicamente o mental em evolução do aluno. Neste caso em específico, a figura ilustre do professor é o ponto central dos vestígios expressos no memorial consciente de nossos alunos.

As marcas que nos seguem pela vida surgem além do físico, visto que a apropriação da palavra como chicote que lacera, sangra e desmotiva, marcam o íntimo, marcam aquilo que parece invisível a olho nu, mas persiste na mente e agrega lesões difíceis de serem curadas. A contraponto desta colocação, o poder da palavra pode ser uma engrenagem motivadora. Quando modulada de forma apropriada e consciente, a palavra exerce o papel inspirador, acendendo a curiosidade, aprimorando a relação professor-aluno contribuindo para a perpetuação de um ensino mais edificante para ambos os lados.

A mesma traz em si valor de poder que o seu interlocutor atribui, sendo que esta pode ser vista como uma arma potencial, principalmente, quando sua fonte é o ponto inicial de exemplo na vida evolutiva social e educacional de um indivíduo. Assim, surge o professor, e as interpretações que podemos levantar acerca de seu uso vocabular perante o processo educacional discente. Para tanto, finaliza-se com a importância de refletir como as palavras expressadas pelo professor podem influenciar de forma motivadora e desmotivadora no processo de ensino e aprendizagem do aluno, ao passo que ambas se apresentam através do interlocutor em comum, o educador.

Podemos compreender acerca dos resultados que a maneira que o profissional da educação utiliza a palavra traz influência direta ao processo de ensino e aprendizagem. Percebe-se, a palavra dentro do espaço de ensino mais do que um instrumento de transmissão de conteúdo ou fonte de autoritarismo educacional. Esta, constitui uma ligação afetiva que pode ser fonte de motivação e ganhos benéficos ao desenvolvimento não apenas educacional, mas também social.

Assim, o poder da palavra não fica limitado ao ambiente escolar. Podendo extrapolar seus muros, surgindo como marcas que se prolongam nas vivências, que potencializam os momentos e caminham na construção do ser. As evidências apontam a necessidade da escolha correta das palavras e a conscientização profissional, uma vez que a cada escolha lexical, a cada entonação, carrega consigo a força de repercussão na construção do conhecimento dos

alunos. Cabe ao educador assumir o compromisso ético que inspire, acolha e traga emancipação ao educando, tudo incluso, dentro do processo de interação verbal.

Com isso, o professor pode utilizá-la como um tom que carrega a empatia humana necessária, sem esquecer de seus primeiros passos como então aluno, reconhecendo a sua dinâmica, agora agente de ensino que requer uma prática, uma metodologia completa, e não apenas no domínio técnico, mas que permeia o repasse informativo numa amplitude que considera o verbo como parte educativa. Deste modo, a ação educativa não fica resumida a transmissão de conhecimento, mas pode envolver também todo um círculo de relação produtiva que o poder da palavra pode proporcionar, de modo que este poder amplie e aproxime o educador a um ensino motivador e mais conscientizado, acerca do cuidado ao usar sua palavra.

REFERÊNCIAS

- BAGNO, Marcos. **Preconceito Linguístico: O que é, como se faz.** 48ª e 49ª edição. Edições Loyola, São Paulo, Brasil, 1999.
- BASTIANI, Sherlon Cristina. TREVISOL, Maria Teresa Ceron. **A escola como ambiente acolhedor no processo de reconstrução social-afetiva de crianças e adolescentes em situação de desvinculo familiar.** Linguagem, Educação e Sociedade. Revista do programa de Pós-Graduação em Educação da UFPI. Teresina, ano 22. nº 36. Jan/Jul 2017.
- BECHARA, Evanildo. **Moderna Gramática Portuguesa.** 37. ed. rev., ampl. e atual. conforme o novo Acordo Ortográfico. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- BELOTTI, Salua Helena Abdalla; FARIA, Moacir Alves de. **Relação Professor/Aluno.** Revista Eletrônica Saberes da Educação – Volume 1 – nº 1 – 2010.
- BÍBLIA. **Bíblia Sagrada.** Edição Pastoral. Gráfica Paulus. 45 impressão: março de 2002, São Paulo.
- BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. **Dimensões da palavra.** Filologia e Lingüística Portuguesa, n. 2, p. 81-118, 1998. UNESP, Campus de Araraquara - SP.
- BOCK, A. M. B. **Psicologias: uma introdução ao estudo de psicologia.** São Paulo: Saraiva, 2008.
- BOGDAN, Roberto C; BIKLEN, Sari Knopp. **Investigação Qualitativa em educação.** Porto Editora, - LDA - 1994.
- FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade.** Editora paz e terra. Rio de Janeiro, 1967.
- FREIRE, Paulo. **Professora sim, tia não: Cartas a quem ousa ensinar.** Editora Olho D'água. São Paulo - SP, 1997.
- FREIRE, Paulo. **Educação e mudança.** 36. ed rev. e atual. São Paulo/SP: Editora Paz e Terra, 2014.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa / Paulo Freire.** – São Paulo: Paz e Terra, 2020.
- GUIDA, Simone Leite Azevedo Gurgel; RIBEIRO, Suzana Lopes Salgado; SOUZA, Marilza Terezinha Soares de; MONTEIRO, Patrícia Ortiz. **Construção de identidade na adolescência: dilemas individuais e sociais.** Saberes: Revista Interdisciplinar de Filosofia e Educação, Caicó-RN, v. 24, n. 01, jan. 2024.
- JUNGLES, Lisiane Alvim Saraiva. **Parceria família-escola: Benefícios, desafios e proposta de ação.** Brasília: Ministério da Educação (MEC), 2022.

- LAJONQUIÈRE, Leandro. **A Mestria da Palavra e a Formação de Professores**. Educação & Realidade, vol. 36, núm. 3, Dezembro, 2011, pp. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, Brasil.
- LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. 2. ed. São Paulo: Editora Cortez, 2013.
- MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **Inclusão escolar: o que é? por quê? como fazer?** São Paulo: Moderna, 2003.
- MINAYO, Maria Cecília. **Pesquisa Social: Teoria, Método e Criatividade**. 24. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.
- MIZIARA, Fernanda Martins. BITENCOURT, Magali de Paula. ABREU, Márcia Souza de. **Gestão da sala de aula: A autoridade do professor e o fazer pedagógico frente às novas demandas sociais**. CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA – UniCEUB. Brasília, 2006.
- MOURA, Adriana Borges Ferro. LIMA, Maria da Glória Soares Barbosa. **A reinvenção da roda: Roda de conversa, um instrumento metodológico possível**. Interfaces da Educação. Paranaíba, v.5, n.15, p.24-35, 2014.
- OLIVEIRA, Wilandia Mendes de. **Uma abordagem sobre o papel do professor no processo ensino/aprendizagem**. Inesul, Londrina - PR. 30 jan. 2014.
- PIANA, Maria Cristina. **A pesquisa de campo**. Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009.
- SAUSSURE, Ferdinand De. Curso de Linguística geral. 27 ed. São Paulo: Cultrix, 2006.
- SOUZA, José Mário De; BEZERRA, Sandra Sinara Bezerra. **Metodologias de ensino: influências no cotidiano escolar do professor/aluno**. Anais V CONEDU. Campina Grande: Realize Editora, 2018.
- TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. 17. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.
- XAVIER, Alessandra Silva. NUNES, Ignez Belém Lima. **Psicologia do desenvolvimento**. 4. ed. rev. e ampl. Fortaleza: EdUECE, 2015.

APÊNDICE A - QUESTIONÁRIO APLICADO



UEPB

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA CAMPUS III

CENTRO DE HUMANIDADES DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO

CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

QUESTIONÁRIO DE PESQUISA

A palavra do professor tem o poder de marcar profundamente a trajetória dos alunos, influenciando emoções, motivação e aprendizagem. Esta pesquisa, O poder da palavra: a voz do professor que motiva e desmotiva o processo de ensino e aprendizagem na perspectiva do aluno, busca compreender como frases, tons de voz e atitudes comunicativas impactam positiva ou negativamente o interesse e a participação dos estudantes em sala de aula. A escuta atenta e o respeito, ou a ausência deles, revelam-se decisivos para a construção de um ambiente escolar acolhedor e estimulante.

Nome completo:

Idade:

Qual é o seu sexo? () Masculino () Feminino () Prefiro não informar

Você mora com quem? () Pai () Mãe () Ambos () Outros:

Você tem irmãos? Quantos?

Em qual bairro ou comunidade você mora?

Qual é a sua cor ou raça?

Qual é a profissão dos seus responsáveis?

O que você costuma fazer no seu tempo livre?

1. Você se lembra de alguma palavra ou frase dita por um(a) professor(a) que marcou positivamente sua trajetória escolar? Como ela te fez sentir na época?

2. Já vivenciou alguma situação em que as palavras de um(a) professor(a) te fizeram sentir desmotivado(a) ou incapaz? Como isso afetou sua aprendizagem?

3. Na sua opinião, o tom de voz e a forma como o(a) professor(a) se comunica influenciam seu interesse em aprender? Por quê?

4. Você sente que seus professores costumam te ouvir com atenção e respeito? Como essa escuta (ou a ausência dela) impacta sua vontade de participar das aulas?

5. O que você gostaria que seus professores soubessem sobre como suas palavras impactam seus sentimentos e sua confiança em sala de aula?

APÊNDICE B – TERMOS DE COMPROMISSO**Declaração da Pesquisadora Responsável**

Como pesquisadora responsável pelo estudo (colocar o título da pesquisa) (título provisório), declaro que assumo a inteira responsabilidade de cumprir fielmente os procedimentos metodológicos e direitos que foram esclarecidos e assegurados aos participantes desse estudo, assim como manter sigilo e confidencialidade sobre as identidades dos mesmos.

Mulungu/PB, _____ de _____ de 2025.

Assinatura da pesquisadora



UEPB
UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA - CAMPUS III
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

Mulungu/PB, _____ 2025.

Sr (ª). Diretor (a) da Escola

Bananeiras/PB

Eu, (seu nome), aluna de Graduação em Pedagogia, pela Universidade Estadual da Paraíba/UEPB/Campus III, matrícula (coloque sua matrícula), venho solicitar autorização para pesquisar nesta escola, sobre “(colocar o tema da sua pesquisa)”, com vistas à realização de TCC para obter título de Licenciada em Pedagogia, sob a orientação da Professora Ma. Francineide Batista de Sousa Pedrosa.

Atenciosamente,

Adriana Ananias da silva

Despacho: Autorizado () Não autorizado ()

Assinatura e carimbo do Diretor(a)

Mulungu PB, _____ de _____ de 2025.

ANEXO A – REGISTROS DA PESQUISA

Imagem 01 e 02: Roda de conversa com a turma nono ano B.



Fonte: Dados coletados pela pesquisadora

Imagem 01 e 02: Roda de conversa com a turma nono ano B.



Fonte: Dados coletados pela pesquisadora.